

H. VASCONCELLOS

OS NOVOS

Sala

Gab.

Est.

Tab.

N.º

0.5.

398



OCTAVIANO SÁ
COIMBRA

Sala
Gab. *D.S.*
Est. *398*
Tab. *398*
N.º

51

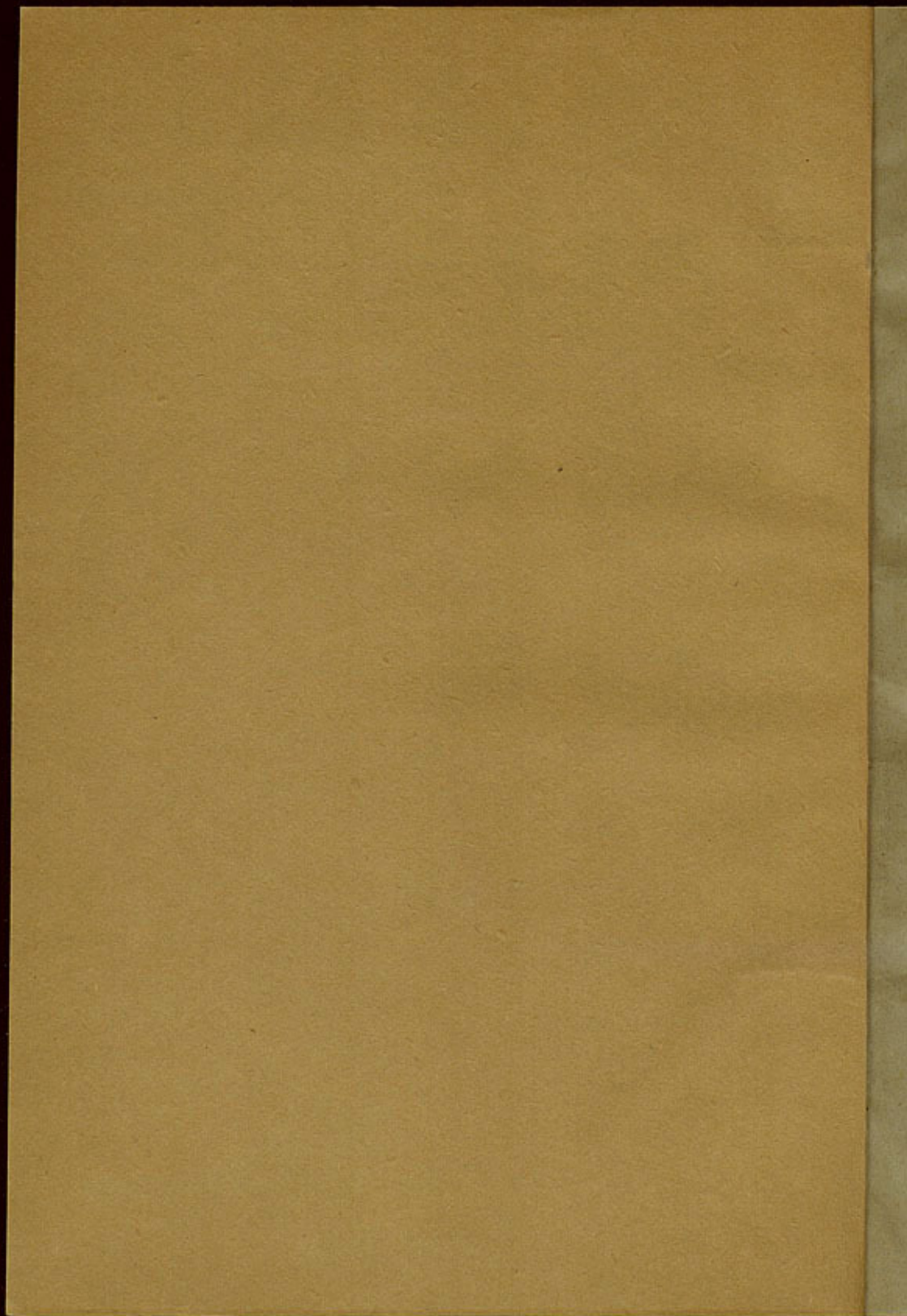
Est. *2*
Prat. *7*
Vol. *1 a 3*
Nº *838*
Sala

2

7

838

O.S. 398



COIMBRA + Novembro + 1893

OS NOVOS

Director — Henrique de Vasconcellos

SUMMARIO:

Prosa:

Dos Novos e da sua Poesia — Armando Navarro.
Mysticismo — Henrique de Vasconcellos.
A velhinha — João da Rocha.
Jeronymo Freire — I — Carlos de Mesquita.

Verso:

Canção da Felicidade — Antonio Nobre.
Por Alma do Sol que Deus haja — Toy.
Lua de Coimbra — Alberto Osorio de Castro.
Os Poetas Novos — I — Eugenio de Castro — Henrique de Vasconcellos.

Numero 1



Novembro, 1893

COIMBRA

TYPOGRAPHIA OPERARIA

20707 20

OS NOYOS

Dos Noyos e da sua Poesia

O critico Cherbuliez, diz algures, que lá vae o tempo em que «*les jeunes gens étaient jeunes*».

Passou a ser tão banal o dizer-se que a nova geração litteraria portugueza era uma geração de derrancádos, que quem quizer procurar as causas de tal character, aventura-se a ser tido por inepto palavroso e superficial investigador.

Não o creio eu assim. E parece-me que seria um bom serviço da critica, occupar-se em saber porque razão os vinte annos d'agora não são como os vinte annos da geração litteraria que ora impera — incoercivel mixto de talentos, sem character definido, titubeantes nas suas aptidões, falhos uns d'orientação, estragados outros n'uma litteratura de fanico, deprimente, e o que é peor, fazendo eschola.

Henri Ner acha que actualmente as litteraturas — exclusão feita da Slava — são extraordinariamente fecundas, mas em abortos. Não vê uma obra, vê livros, paginas escriptas com, aqui e alli, fulgurações radiantes de talento, mas não um trabalho uno, onde a fixidez d'uma ideia domine e se imponha de modo a *ficar*.

Effectivamente, isto vae dando mais ares d'um concurso para uns *logares-selectos*, do que d'um generoso esforço para uma obra a valer.

Eu bem sei que estamos em periodo de transicção, e que portanto não é exigivel a firmeza de ideias e principios que só n'um estado definido apparecem. Mas tambem, francamente, não sei para onde vamos. E é por não ver nada

que se imponha, ninguém que dirija e dê exemplo, que me não causa espanto o desanimo que ressuma dos ultimos livros portuguezes, sobretudo d'ha dois annos para cá.

São mádidas poesias, d'um subjectivismo feroz e intransigente, onde todos os sentimentos são meias-tintas, e as sensações tomam côres hallucinadas de impressionismo.

Syntheses modernizadas do livro de Job, sem serem a profunda resignação epica, nem o equilibrio intellectual proveniente da simplicidade moral d'aquelle soffredor, as poesias dos *novos* são estioladas plantas fugindo pela degenerescencia ao rigor d'uma classificação, e, consequentemente, alheias a qualquer principio determinativo.

Eu proponho-me, n'uma serie de artigos, estudar a poesia que a chalaça nacional denominou *nephelibatica*, não excluindo, está claro, a aberração senil e decadente (não decadista) que se chama: *Os Simples*.

Successivamente me irei occupando das principaes figuras de poetas *novistas*; mas antes, alguma cousa direi sobre quaes sejam as minhas opiniões de esthetica e de critica geral, mesmo porque assim ficamos todos á vontade.

É notorio, que desde que appareceu o livro *Oaristos*, do sr. Eugenio de Castro, começou a despertar em varios moços de talento o desejo de fazer perdoar as chamadas *premicias litterarias*, pondo-lhes o cunho d'uma originalidade vindo muito avariadamente da França e da Belgica.

A massa irresponsavel que constitue o *respeitavel publico* (mas que faz tiragens de 300:000 exemplares aos livros de Zola) nem por tal deu. O burgez sorriu com anafado desdem; o publico *d'élite*, que chamarei o *publico particular*, sempre opportunista, começou a dispôr-se para receber convenientemente as novas hostes de poetas, que vinham desfraldando um labaro de revolta, onde a multiplicidade das côres e das divisas dava o effeito extranho d'um bailado á Loie Fuller.

A razão d'isto é simples: os livros alcinhados de *nephelibatas* eram, antes de tudo, uma arte; e como tal, uma disciplina. Além d'isso, pré-gavam uma nova esthetica, traziam principios mais ou menos eivados das theorias da auto-sugestão de Souriau e de Joly, renovando ao mesmo tempo, n'um confuso mistiforio, o criticismo de Kant e o idealismo de Hegel, o symetrico. Vinham sob a égide da liberdade da

arte, que deixava de ser uma habilidade e como tal uma aptidão em exercicio, para se tornar n'uma faculdade.

Vinham em nome da liberdade, exigir para a *arte* uma limitação de fronteiras e aristocratisando-a: ao deboche palavroso da escola romantica, oppunham seraphicamente as candidas vestes d'um idealismo bastante facil, se bem que Remy de Gourmont tenha querido ultimamente levantá-lo.

Resumindo, aquillo não era escola, era uma feira de paradoxos. E como tal creio que é hoje tida.

Teremos occasião de ver mais ao diante, até que ponto isto possa ser verdade. Por agora, rapidamente, iremos ver como os *novistas*, prégando o idealismo, eram logicos com o principio da liberdade da arte. Depois veremos as origens *modernas* d'esse idealismo, que — caso extranho! — dizem provir do positivismo, e por ultimo generalizando, criticaremos a esthetica symbolista.

Se eu observar uma folha d'uma planta ao microscopio, o reforço visual produzido pelas lentes do apparelho dá-me d'essa folha um conhecimento muito mais detalhado, e, o que mais é, muito differente, do que o que eu obtenho a vista desarmada; se, augmentando successivamente a força do microscopio, eu continuar observando a mesma folha, vou successivamente descobrindo particularidades de substancia e de estrutura que nas anteriores observações me haviam passado despercebidas.

D'esta observação, concluo naturalmente para o principio da relatividade do conhecimento e formulo, mesmo *a ratiõne*, o principio já filho da escola de Democrito, de que os sentidos nos não representam os objectos do mundo exterior, tal qual elles *são*, no absoluto da sua substancia.

Consequentemente dou á *verdade* um character de puro subjectivismo.

Fica pois o espirito do observador duvidando e desconhecendo qual seja, na hypothese da folha da planta, a sua estrutura definitiva e verdadeira; porque, evidentemente, eu emitto um principio mais que arrojado, dizendo: a conformação d'uma folha é tal e tal.

Para mim, sel-o-ha; já o não é para o microscopio; quem sabe se para outros seres da criação o não é tambem?

Eis o principio do idealismo que levado ao extremo produz a doutrina do formidavel dialectico que foi Berkeley,

negando, paralellamente a Zenão e Heraclito, a existencia real do mundo exterior (*phenomenismo*).

Kant, com quanto mais moderado, chega a identicos resultados, por isso que suppõe que entre nós e as coisas ha sempre a intelligencia, a tornar puramente subjectivo qual-quer conhecimento.

D'aqui derivou a chamada *cultura do eu*, doutrina do sr. Maurice Barrès, subtil psychologo e mediocre economista, candidato *manqué* e duellista *in partibus*.

Temos, portanto, o *eu* (para fallarmos a linguagem da eschola) reduzido a observar-se a si proprio, n'um intimo recolhimento para dentro de si mesmo, religiosamente prescrutando os segredos da sua essencia, como um padre das religiões orientaes procura a solução do problema d'além-tumulo, na extatica contemplação das voltas do seu umbigo.

Fica a philosophia reduzida á psychologia que Taine chamou a philosophia dos homens interiores, e a observação banida por inutil e absurda — que assim a classificou Malebranche, o melhor discipulo de Descartes.

Isto explica o caracter subjectivo da poesia dos *novistas*, cuja philosophia, quando a teem, é o idealismo.

(*Continúa*)

ARMANDO NAVARRO.



MYSTICISMO

~~~~~  
(Introdução d'um livro)

O Castello era todo em granito assentado na rocha, subindo aguda a sua torre para o céu, como um dedo gigante apontando, como a setta parada d'um imbecil hereje, atirado para o Altar resplendente, onde os Deuses se assentam no meio d'uma poliphonia sororal e d'um polichromismo rutilantemente archiepiscopal.

Era isolado. A lande estendia-se sem fim, sempre a mesma na sua côr doentia; do lado opposto, o mar furioso e rouco praguejava como prostitutas alcoolicas, na mesa d'uma taberna. Era a lande do Tedio immensamente extensa, não da incommensurabilidade clara do Infinito, mas um nunca acabar de Peste e de Desolação, onde se estorciam raivosos os cardos, e os abrolhos que em tempo tinham sido verdes, hoje amarellos, apontavam a lança ferruginosa dos espinhos.

Longe, muito longe, ao dobrar-se o cotovello d'um caminho charneal e arido, uma nodoa branca; talvez um lyrio, talvez um lenço velho e esquecido: como uma lembrança alva e fina d'Amor, guardada na Memoria, mas já muito distante, confundivel, inodora...

O mar sempre apopleptico, convulsionado, erguendo-se num arco historico, a aura da epilepsia subindo, arrojando-se ao vacuo para erguer-se de novo em attitudes raivosas, como numa grande arena um grande leão furioso, o sangue e a baba a escumarem pela bôcca hiante: como pensamentos maus, crimes, lembranças arrepiantes de satanismos e luxurias,

O Castello ficava socegado e triste, as hervas a cahirem em lagrimas dos olhos mortos e fechados de suas janellas. Raras vezes um astrologo interrogava os astros, luzes acesas no Altar resplendente onde os Deuses se assentam no meio d'uma poliphonia sororal e d'um polichromismo rutilantemente archiepiscopal.

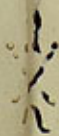


Mas um dia a Dama entrou toda de branco, como para um Noivado. E o Castello ficou alegre. A lande mudou-se repentinamente em parque, cresceram alvas as camelias, dhalias brancas e rosas brancas, margaritas, e as pequeninas violetas d'um aroma fino e hyemal. Não havia uma flôr rubra, nem um odor forte.

E no Castello ouve-se agora o canto claro das novenas, e, tres vezes ao dia, o Angelus sonoro e manso vae quebrando pelos campos e convidando as Almas a rezar.

E a Dama e o Cavalleiro sombrio do Castello, não se beijam: apenas rezam, de joelhos, em extase, como os antigos Martyres, a Alma a subir, a subir, para os ceus a subir, envolta na claridade indecisa do Luar e do Mysterio.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.





## GRANÇO DA FELICIDADE

---

Felicidade! Felicidade!  
Ai quem m'a dera na minha mão,  
Não passar nunca da mesma idade,  
Dos 25, do quarteirão.

Morar, pobrinho, n'alguma casa,  
Tão caiadinha, defronte o mar,  
No lume ao menos ter uma braza,  
E uma sardinha p'ra n'ella assar.

Não ter fortuna, não ter dinheiro,  
Papeis no Banco, nada a render,  
Guardar podendo n'um mealheiro  
Economias p'ro que vier.

Ir pelas tardes até á fonte  
Ver as pequenas a encher e a rir,  
E ver entre ellas o *Zi da Ponte*  
Um pouco torto, quasi a cahir...

Não ter chimeras, não ter cuidados,  
E contentar-se com o que é seu,  
Não ter torturas, não ter peccados,  
Que em se morrendo, vae-se p'ro ceu.

Não ter talento : sufficiente  
Para na vida saber andar,  
E quanto a estudos, saber sómente  
(Mas aí sómente !) ler e contar.

Mulher e filhos ! a mulhersinha  
Tão linda e alegre, Jesus ! Jêsus !  
E, em nove mezes, vel-a choquinha,  
Como uma pomba, dar outra luz !

Oh ! grande Vida, valha a verdade,  
Oh ! grande Vida, mas que illusão,  
Felicidade ! Felicidade !  
Aí quem m'a dera na minha mão.

Paris Setembro 1892.

ANTONIO NOBRE





## LUAR DE COIMBRA

---

a ALBINO DA SILVA

O' Antonio Fogaça, anda commigo!  
Levanta-te da cova, vem passear.  
De braço dado anda d'ahi, amigo,  
Vem recordar aquelle tempo antigo.  
Olha Coimbra como é linda ao luar!

Sob a borla do Pedro, o casario  
É doce e em mármore, doce Campo-Santo...  
Ó luar de Coimbra, como um amavio!  
Montes em flôr, choupos, e claro rio,  
Como dizer vosso pallido encanto!

A alma, vê's? n'um dia muda e passa.  
Mesmo o que odiámos, como faz saudade!  
E odiava Coimbra, ó Antonio Fogaça!  
Comvosco, agora, o luar da *Couraçã*  
Vê-me passar, sombras da mocidade.

Soluçam, Coimbra tóra, as guitarradas,  
O Santos Mello vae cantar talvez...  
Voltæ, voltæ, pobres Sombras amadas!  
Ó *Santa Clara*, margens incantadas,  
*Lagrimas*, tristes do amor d'Inez!...

E a *Cabra* toca! Entremos nos *Geraes*,  
Que ás dez da noite vem pontual o Chaves.  
— «Phantasmas! Os decretos, Decretaes...»  
Das covas e empregos, como voltaes!  
Como a vida vos fez frouxos e graves!

Olhem já murcha a pêra do Garcia!  
O Doutor Sanches, que está transparente!  
Senhores Lentes de Theologia,  
Em que estado vos pôz vossa heresia!  
Oh! Pedro Augusto, como olha a gente!

Mas o bedel abre as jaulas... Emfim!  
Ó meus Bachareis, toca a dispersar.  
Vamos á novena, ou pelo *Jardim*  
Deitar ao vento esté pó de latim...  
Vamos, enquanto não fenece o luar.

Sobem do Caes com seu cantaro esguio  
As tricanas, mais brancas de paixão...  
E brilha ainda seu olhar já frio!  
Ai a prata fina do luar no rio,  
Mail-as fogueiras pelo São João!

Choras, Fogaça? É esquecer, dormir...  
Porque hão de as almas que aqui foram novas  
A este Penedo da Saudade vir?  
È de chorar e de morrer de rir,  
Como se é creança, por empregos, covas!...

Do livro *Exiladas*, a entrar no prelo.  
Obidos, outubro

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.



Por Alma do Sol que Deus haja

---

Fumega o lar nas herdades.  
Lá se vae a luz do dia.  
Padre-Nosso! — dão Trindades...  
Sol á morte — Ave-Maria!

Sol á morte... o sino reza  
Dlim! dlim! Dlam! dlam! Reza assim,  
Deveza além em deveza,  
Ave-Marias... Dlim! dlim!

Á hora em que a faina pára.  
( Oh Poente, bemdito sois! )  
Chapeu em cima da vara,  
Parado adiante dos bois,

O boieiro, de olhar doce,  
Lá em baixo no Sol-pôr,  
Reza... como se o Sol fosse  
Jesus, que é Nosso Senhor.

Já dorme sobre a paizagem  
A santa paz dos crepusculos.  
Nem um folego na aragem.  
Descançam os rijos musculos,

No ar, morrendo, a Luz freme:  
Ralo de agonias calmas...  
Nem uma só aza treme.  
Bem oiço o rezar das almas...

Lá começa o rouxinol...  
E o sino a rezar ao céu  
— Dlim! dlam! — por alma do Sol  
(Dhm! dlim! Dlam!) que já morreu...

Dlim! dlim! Dlam! o sino reza  
Seus Officios da Agonia,  
Deveza além em deveza  
Padre-Nosso! Ave-Maria!

Coimbra, Julho de 1893.

Toy.





## OS POETAS NOVOS

I

### EUGENIO DE CASTRO

Tons de violeta, d'ambar, d'ouro e d'esmeraldas,  
Finissimo embutido em placas de marfim!  
Um auriflama branco, exquisito desfraldas  
Por sobre o teu bizarro e rutilo jardim.

És o Poeta-Rei das côres luciolantes.  
O teu Poema é um poente de Inverno  
Cheio de luz e unção, de tons hallucinantes.  
O teu estylo vibra, ao mesmo tempo é terno.

A tua Obra é alguma Flor Ideal,  
Como uma Rosa-Azul, uma Tulipa irial,  
Dhalia côr d'ouro e luz, um myosotis louro.

Cantam sinos : são risos brancos a noivados,  
Dobram sinos : são choros tristes a finados.

OARISTOS — Flôr de Carne! AS HORAS — cirio d'ouro!

Luso, 28 de setembro de 1893,

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

## A VELHINHA

(DO LIVRO INEDITO «ANGUSTIAS».)

A velhinha vae morrer. Tem o rosto branco, tão branco, tão branco como as brancas açucenas, e a alva touca que lhe cobre a cabeça não é mais clara que a côr dos seus cabellos. E em que instante esses cabellos embranqueceram!

Vae para dois annos, antes do marido morrer, ainda estavam todos pretos; e, agora, em que instante esses cabellos embranqueceram! Está de costas na sua cama franceza — que já não é a velha cama de cortinados onde quarenta annos dormiu com o velhinho que a espera além — a cabeça apenas de fóra dos lençoes e a mão tremula, magrinha e branca, a abençoar . . .

O que foi a sua vida? Nasceu, sorriu, casou, teve filhos, teve netos. É já uma avósinha. Mas, afóra um que está doente, todos os filhos lhe morreram; o marido morreu também, velhinho e cheio de desgostos; e só um neto, que alli ao pé d'ella se deixou ficar, lhe cerca agora o leito de sollicitudes e caricias . . . A velhinha padeceu muito, chorou muito, teve muitas afflicções — e o mundo então abandonava-a, não queria nada d'ella. Ai! não é para um mundo tão mau uma velhinha tão pura! O que foi então a sua vida? Uma serie de abnegações modestas e occultas, em que a sua boa alma achava uma satisfação sem par, intima e extasiante como um arroubo. E agora a velhinha vae morrer. Os seus labios descorados movem-se num simulacro de falla, pois já a garganta lhe recusa a voz. É talvez alguma palestra com Deus,



oração piedosa recommendando entes queridos e implorando uma morte suave e religiosa. A mão tremula, magrinha e branca, põe-se a abençoar, a abençoar...

E que agonia tão serena, a da velhinha! É noite. Uma luz velada irradia sobre os moveis claridades e penumbras. Pelos cantos do quarto, ao alto, flocosinhos de fumo brancos e espiralantes vogam e se approximam do leito da agonizante. Devem ser os anjos do céu que Deus mandou á cabeceira da velhinha, para a levarem em triumpho ao Paraizo. Já, decerto, lá em cima se preparam festas, que uma alma simples vae entrar, com a pureza que a vida lhe não tirou. E, debaixo das campas, no cemiterio ha um reboliço para a recepção do cadaver em que os mortos apercebem virtudes e perfeições...

Os anjos do céu vieram buscal-a, e debruçam-se sobre o seu leito. O corpo da velhinha treme num pequeno stertor. No rosto magro e enrugadinho, em que a mão da Morte faz angulos, aflamentos, nostalgias de côr, estende-se assim como um clarão de bom mysterio, d'essa ignota ventura que no mundo os justos presentiram e sonharam. Os anjos do céu vieram buscal-a e beijam-lhe os olhos. O corpo da velhinha treme, um longo abalo o sacode e logo os fumos brancos sobem para o tecto e desaparecem no ar. É que a avósinha acaba de morrer. A casa branca tem um sorriso de extasi doce, a touquinha branca envolve-lhe a cabeça como uma auréola e, de fóra dos lençoes, a mão branca fica ainda no mesmo gesto, depois da morte, a abençoar...



Quando a avósinha morreu dobravam os sinos pelos feis defunctos. E os sinos que dobravam pelos feis defunctos dobravam por ella. E toda a gente pensava nos seus mortos, quando a avósinha morreu. Depois o sahimento funebre, os responsos, o enterro. Na egreja, sobre a eça, dentro do seu esquite o rosto da morta destaca, pacifico e bondoso, com um alvôr de freira santa. Ha flores em volta do seu corpo. Nos recantos das capellas, a esconderem-se dos senhores que lá estão encasacados e com tochas, mendigas lagrimosas soluçam,

ceguinhos fazem o gesto de apanharem uma benção, pedintes côxos preparam-se para ir até o campo santo; e nesse dia, destinado a esmolas e por isso de grande rendimento para os pobresinhos, elles empregam quasi toda a manhã em acompanhar o cadaver da velhinha que lhes fazia tanto bem. Ha mesmo quem se ajoelhe diante do caixão, a rezar como a uma santa... Choram os pobresinhos e, cá fóra, as nuvens; mas no seu esquife a velhinha sorri e, em cima de tudo, o sol olha para ella e chama-a para o céu. Calam-se os padres, o cortejo segue para o cemiterio. Não peza nada o caixão, porque são os anjos que o levam. Choram os pobresinhos, ha lamentações, gritos de dôr, e no cemiterio que está em festa, todo adornado de flores e de pannos de velludo negro, illuminado e perfumado, os cyprestes levantam-se ameaçadores para as nuvens que choram, como lanças tentando fural-as. Já pelas áleas do Jardim dos Mortos o prestito passa vagaroso e triste. As arvores curvam-se á passagem da morta e parece que debaixo dos jazigos vêm estremecimentos transmittidos á flor da terra. São talvez os fieis defunctos que se preparam para receber o cadaver virtuoso.



— Adeus, velhinha! Adeus, velhinha!

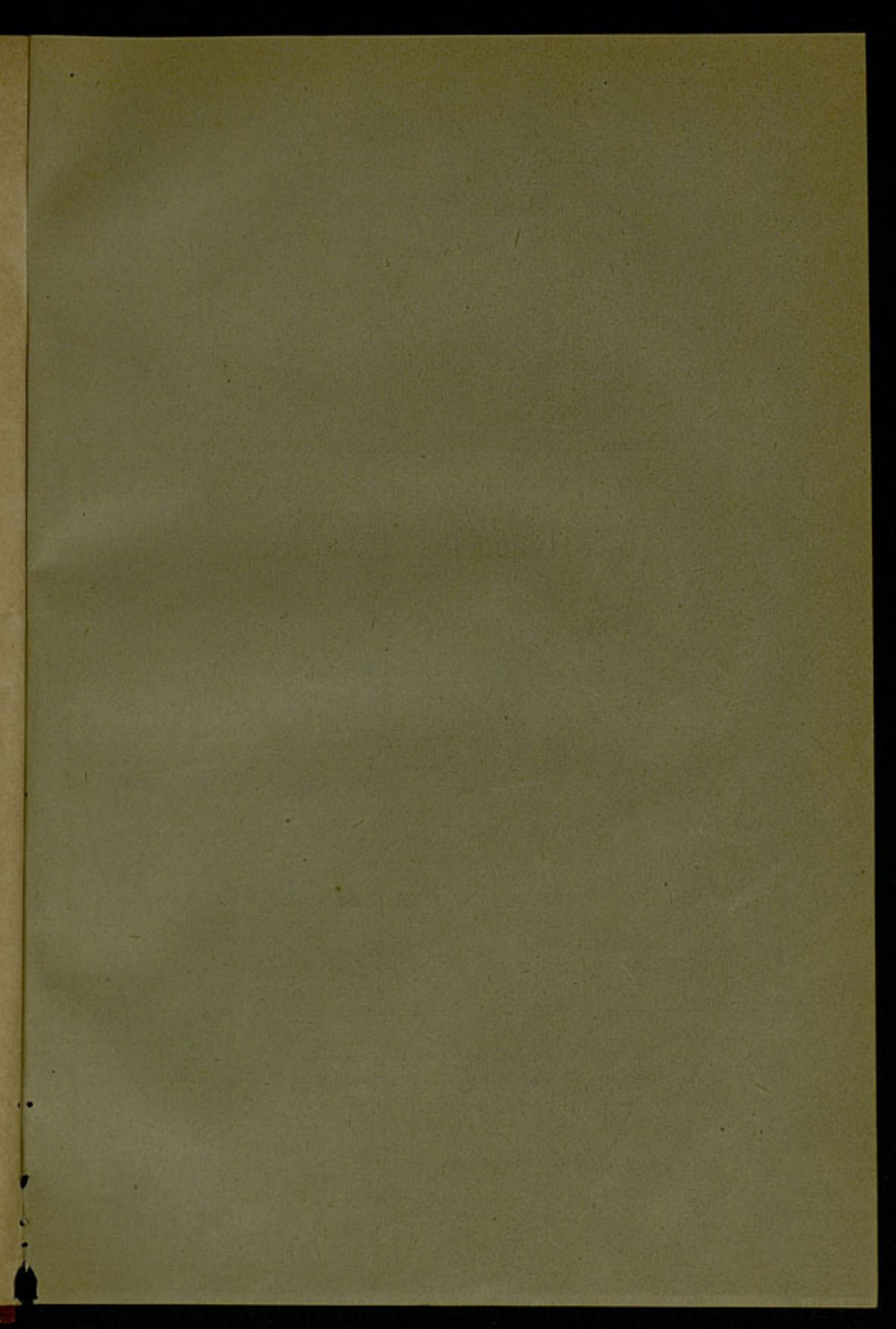
E debaixo da terra, nas grandes salas onde os mortos bailam, ha uma alegria nova, cantante. Os fieis defunctos vêm cercar a velhinha que chega, risonha no seu vestido escuro de viuva. Lá está o marido, a chorar, a abraçar-a, todo tremulo de commoção.

— E o filho?... E os netos?...

— Que Deus os proteja...

E todos, em seguida, vão abraçar a velhinha, até mesmo os desgraçados que dormem o somno da morte quasi rez-vez do solo, tiritando — que tantas vezes hei visto estremeecer a terra — tiritando sob a humidade das chuvas e das regas. Até esses vão com suas tunicas esfarrapadas cobrindo os ossos que tremem de frio e batem, e batem uns nos outros. Creancinhas descalças, filhas de senhores, que não podem dizer o nome dos paes — porque é segredo; mães infelizes





# OS NOVOS

## Condições de assignatura

PAGA ADIANTADA

Um mez, 450 — Tres mezes, 450 — Numero avulso, 400 réis

Redacção e administração dos *Novos* — Avenida Alexandre Herculano, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

*Anunciam se obras recebendo-se um exemplar.*

---

## Annuncios Litterarios

Henrique de Vasconcellos

### FLORES CINZENTAS

Editor França Amado — Coimbra

Preço 500 réis

Mario Alves

### DRAMA ANTIGO

Vende-se em todas as livrarias

Preço 300 réis

---

### BREVEMENTE:

Jeronymo Freire

### OBRAS POSTHUMAS

---

A administração previne as pessoas a quem enviar os *Novos*, que serão consideradas assignantes desde que não devolvam o presente numero.



COIMBRA \* Dezembro \* 1893

---

# OS NOVOS

---

Director — Henrique de Vasconcellos

---

## SUMMARIO:

### Prosa:

Dos Novos e da sua Poesia — II — Armando Navarro.  
Jeronymo Freire — II — Carlos de Mesquita.  
Bibliographia.

### Verso:

Canção — Eugenio de Castro.  
Ballada do Dia de Juizo — Alberto Osorio de Castro.  
Do livro «Alma» — Roberto de Mesquita.  
Noute — Henrique de Vasconcellos.  
Mar-negro que é mar-morto — Toy.

---

## Numero 2

---

Novembro, 1893.

COIMBRA

TYPOGRAPHIA OPERARIA

OS NOV 20

Journal of the American Medical Association

Published weekly, except during the months of August and September, when it is published bi-weekly. Subscription price, \$5.00 per annum in advance. Single copies, 15 cents. Entered as second-class matter, June 26, 1907, under post office number 324, at Chicago, Ill., under special rate of postage provided for in Act of October 3, 1917, authorized on July 16, 1918. Accepted for mailing at special rate of postage provided for in Act of October 3, 1917, authorized on July 16, 1918. Postmaster: Send address changes in this journal to the American Medical Association, 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill.

AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION



que choraram e soffreram; martyres que toda a vida trabalharam e vieram a morrer em desgraças; virgens que o outomno atira ás covas, como as ultimas flores do verão; moços e velhos, pobres e ricos, virtuosos, infelizes, inconscientes: —a todos a avósinha acolhe com o mesmo sorriso de bondade, o mesmo ar de benevolo carinho. E elles então, contentes, já á vontade, põem-se a cantar baixinho as cantigas saudosas com que na vida embalaram as esperanças, põem-se a cantar e a dansar uma ronda longa e extranha em que os passos lentos se succedem, na cadencia monotona dos pendulos. Por cima o solo do cémiterio treme, as corôas funerarias mexem-se nos pedestaes dos mausoleus, e os visitantes vêem com terror os cyprestes obovae curvarem-se a um lado e a outro, como batutas fantasticas marcando o compasso. Passa no ar uma aza longa, longuissima, que escurece tudo. Ao mesmo tempo ouve-se não sei donde um ai tão doloroso e profundo, que homens e coisas estremeceem e se quedam no mesmo pasmo. Na capellinha do cemiterio cae um castiçal e a véla de cêra, feita em pedaços, arrasta uma chamma errante pelo chão.

— Adeus, velhinha! Adeus, velhinha!

Os defunctos voltam aos seus jazigos e aos seus caixões, já saudosos da ronda que fizeram. E é então que a velhinha pode deitar-se ao lado do marido, no mesmo jazigo e na mesma pedra fria, como na vida quarenta annos se deitára com elle na velha cama de cortinados...

E esse somno da morte é para a avósinha e mais feliz e descansado.



E enquanto os bons defunctos dansam a ronda, á luz pallida dos fogos fatuos, a alma da velhinha começa a subir para a região das alvoradas eternas. Vae direitinha, sem o menor zig-zag em seu caminho, vae direitinha para o seio de Deus, posta inconscientemente a sua esperança num ideal de ventura que deve ser o fim das coisas creadas. Como a alma da velhinha espalha um clarão de candura pelo espaço além!

Devagar — porque tudo no infinito é devagar — atravessa mundos, planetas, estrellas, constellações; e os astros

.....  
seguem-na, como grandes olhos bondosos, allumiando-a e guiando-a...

Quanto tempo durará esta viagem? Seculos de seculos talvez, que no infinito o tempo nada é; mas, muito *além*, lá no mais fundo da Eternidade, a alma da avósinha algo distingue da radiosidade divina, a Estrella dos Magos da sua perfeição. É Deus emfim que a chama, que a attrae, que no infinito a espera.

Bemaventurada seja a avósinha!...

Vianna, 1 de novembro, no quarto  
da Velhinha, um anno depois  
d'ella ter morrido.

JOÃO DA ROCHA.





## JERONYMO FREIRE

---

### I

Jeronymo Freire, que se suicidou ha pouco mais d'um mez na patria do seu idolatrado Edgar Poe, e cujos manuscritos, ineditos, acabo de receber, foi um poeta e um pintor da mais extranha originalidade, que viveu voluntariamente ignorado, não expondo nunca um quadro, não publicando nunca um soneto. E todavia esta obscuridade voluntaria era-lhe atrozmente dolorosa. A certeza da sua obra ser devotamente acolhida por um pequeno publico escolhido, ter-lhe-ia sido consoladora e tel-o-ia talvez prendido á vida, por mais algum tempo pelo menos. Muitas vezes, ao ver a minha admiração pelos seus quadros e pelos seus versos, a sua crispacão constante d'alma fundia-se e a voz tremia-lhe de gratidão, dizendo: É bem doce ter alguém que nos comprehenda!

Se eu lhe aconselhava que se couraçasse contra a provavel indifferença do publico e arriscasse a publicação d'um livro, ou a exposiçãõ de alguns quadros, respondia-me:

— Conheces a phrase do Schopenhauer: «que dentro em pouco os vermes mordam no meu corpo é uma ideia que eu supporto sem custo, mas pensar que os professores de philosophia hão de morder na minha obra isso é que me horrorisa.» Aqui tens o meu caso. Eu tenho pelo grosso publico e pelos criticos dos jornaes um desprezo igual ou superior ao do Schopenhauer pelos professores, mas não sei dizer o que sinto, á ideia das suas imbecilidades, á ideia de que furtarão aos meus quadros e aos meus livros o alvo d'alma tanto tempo e tão pacientemente visado.

E, depois de se concentrar um pouco na amarga degustação do insuccesso inevitavel, rompia numa epilepsia de insultos:

— Não ha senão asnos neste mundo! Mas o que me espanta é que haja ainda quem escreva, quem pinte! E então em Portugal! Cortem-me a cabeça se cá houver duas pessoas capazes de comprehender um artista digno d'este nome.

Eu afinal concordava. Publicar para que? A ridicula vaidade de ser auctor, tão característica da mediocridade, nem de leve o assaltava, e a legitima ambição de encontrar almas que vibrassem unisonas com a sua, essa estava condemnada ás mais cruéis decepções. Os seus quadros phantasticos seriam sem a menor duvida apupados pelos pintores, intransigentes na sua banalidade, pasmados de que alguém na escolha de assumpto saísse fóra das eternas scenas ruræes, dos eternos rebanhos «de volta ao redil», fóra dos themas convencionaes tão indifferentes aos nauseados de real, aos sequiosos de inaudito e de extra-terrestre. Os seus versos apprehendendo os mais insolitos estados d'alma, passariam completamente incomprehendidos d'um publico composto de individuos cuja affectividade é puramente animal e cujo poder de introspecção é nullo; e alguns d'elles, d'um symbolismo subtilissimo, dar-lhe-iam uma reputação de doido ou de mystificador, que faz parada de extravagancias com o fim unico de escandalisar os leitores.

Jeronymo Freire era dos que veem estados de consciencia nas cousas, mas isto com uma delicadeza extrema, quasi allucinatoria. Para elle as attitudes das arvores, os accidentes do solo, e sobretudo as côres eram expressões physionomicas de emoções, em cuja realidade não estava longe de acreditar. Mas os aspectos do mundo real, por mais extranhos e inverosimeis que fossem, apenas lhe serviam de trampolim na sua evasão para o reino do phantastico.

Se descobria em qualquer paizagem uma ligeira tendencia para o irreal, e se esse irreal era uma visagem de emoção rara, não a reproduzia fielmente. Em vez do embryão que lhe apresentava a natureza, punha na tela o ser completo. Comtudo, atravez da hypertrophia artificial, percebiam-se os aspectos normaes que elle desfigurava, e esta base de observação dava uma quasi possibilidade ás suas terriveis paizagens sobrenaturaes. Eu, se o não conhecesse tão intel-



lectual, tão cheio de theorias, chegaria a duvidar se elle exaggerava conscientemente *nuances*, ou simplesmente copiava allucinações.

Era esta especie de *charge* que lhe permittia alargar os limites da pintura e submeter aos seus processos, assumptos até então do dominio exclusivo da litteratura. As emoções extranhas do pintor liam-se nestas paizagens, tal era a sua espiritualidade, tão nitidamente como em poemas. Parece-me ainda estar vendo uma d'essas telas.

Um enorme morcego paira no ar, encobrimdo o céu, ensombrando a terra com as suas azas desmezuradas. Por baixo o fulminado stupor, o estagnado e mudo Ah...! d'um rio côr de chumbo. Ao longo do rio, sobre uma tira de céu livido que o morcego deixa a descoberto, levanta-se uma encosta d'um verde rasteiro, d'um verde psychico, um verde de terror sobrehumano, em que parece ter coalhado um tenuissimo vapor de mercurio; oliveiras verde-cinzeno aqui e além, e no cume uma linha cerrada de cyprestes. Toda a encosta tem uma nitidez varrida e sinistra; e as oliveiras e os cyprestes, por um artificio imperceptivel de desenho, elançam-se, humanos, n'um ancioso alerta de escuta, na solemne e lugubre parestia da espectação! Toda esta paizagem paralysada, sobre a qual parece estar imminente o cataclismo definitivo do globo, evoca uma alma onde um mysterioso pavor paira mudamente, um pesadello d'opio de Thomaz de Quincey! — «Era chegada enfim a manhã d'um dia solemne, d'um dia de crise e de esperanza final para a humanidade, atravessando então não sei que mysterioso eclipse, atormentada não sei porque terri-  
veis angustias.»

Mas, d'um talento essencialmente litterario, Jeronymo não se limitou a pôr na tela incoerciveis themas de poesia introspectiva. A sua coherencia foi até ao extremo de applicar á pintura processos puramente litterarios, de pintar metaphoras, de escrever com o pincel. Quando queria mostrar aspectos da natureza invertia o processo por meio do qual usava suggestionar a alma: personalisava-os, fazia-os respirar, como um perfume longinquo, atravez de visagens e de attitudes passionaes, para além de ineffaveis figuras transparentemente allegoricas.

A sua enorme tela com o titulo de *Mar bravo* immobilisava-me de espanto. Envolto até ao ventre por um confuso



nevoeiro, sobre um horizonte tempestuoso, levanta-se de frente um gigante nú e bronzeado. Com o tronco desesperadamente arqueado para traz, a cabeça, de cabellos revoltos, fortemente derrubada sobre um hombro pelo retezamento de poderosas cordas musculares, esse Titan de face voltada ao alto, os olhos revirados, a bocca escancarada, escuma para o céu raiosas imprecações ou debate-se n'uma dôr sem nome, implorando piedade do fundo d'uma Gehenna? Os seus braços erguidos com formidaveis contracções de biceps e os seus punhos enérgicamente cerrados, ameaçam n'uma epilepsia de destruição, ou contorcem-se n'uma tortura sobrehumana?

Um outro quadro sobre que tomei em tempo algumas notas é o *Luar*. Uma vasta planura liquida extasia-se, immovel, na apparição que detraz d'uns rochedos escarpados vem surgindo ao fundo.—Uma branca, luminosa, espiritual figura de mulher é trazida, de que mysteriosas paragens? como nuvem levissima, que um imperceptível sopro das altas regiões do céu impelle acima do horizonte. Das suas mãos planantes, derramantemente abertas vae-se evolvendo uma immensidade de benção... Os braços vão arqueados com extrema suavidade e infinito rythmo, ao rythmo emballante do ineffavel sonho que contemplam lá dentro os seus olhos cerrados em extase... e a cabeça inclina-se para traz, de cabellos soltos, desfallecida n'um desmaio... Aerea, a epiphania ascende, positivamente ascende, na imperturbavel e musical serenidade da sua apotheose. A neve dos seus pés pendentes já mal toca os mais elevados pincaros das rochas... e o immenso veu translucido que a envolve exala-se com a fluidez, a immaterialidade d'uma larga irradiação, purificando de divino alvor o velludo negro do céu, enchendo o ar d'uma tenuissima nevoa de mysticismo, pousando leve sobre as fragas, cuja aspereza se amacia e se funde...

Diante d'este quadro, que é a realisação, a forma emfim achada do seu incorporeo sonho, os grandes lunaticos ajoelhariam, bemdizendo o Poeta perante o qual acharam graça os seus secretos votos de vêr a adorada Padroeira attingir a perfeição ultima, transformar-se por completo na mysteriosa Dama noctivaga que ella evoca, sobretudo na sua phase mais bella, na phase em que, já graciosamente oval, só começa tarde, pelo escuro a sua ronda lenta e sonhante, na phase de

Luar e Sombra de  
A. O. de Castro



decadencia em que mais se agrava o seu doentio amôr ás solidões e ao silencio!

Esta paixão pelo indirecto, pelo evocado a distancia, que o tornava doudo pelas danças artisticas, em que confusas e fugitivas suggestões vão passando instantaneas na ligeira successão das attitudes, e que tanto influiu na sua fórma poetica, como mais tarde mostrarei, tinha determinado n'elle uma quasi perversão sexual. Só amava as mulheres de que podesse abstrair linhas historicas, em que podesse respirar com olhos um perfume de paizes distantes e chymericos, em volta das quaes visse uma nevoa de sonho e de para-além... Ás outras chamava desdenhosamente «bellezas opacas.» D'aqui, os rostos femeninos perturbantemente enigmaticos dos seus quadros, rostos intencionalmente vulgares, mas com olhos d'outra raça, exilados e nostalgicos dos seus lagos nataes, do seu remoto e septentrional paiz de ballada...

Um outro aspecto do temperamento de Jeronymo Freire era o prazer do horror que já se encontra em embryão n'este soneto dos 18 annos :

Palavras soltas dos somnambulos ! Mysterio  
Mais rico de pavor do que as augustas portas  
D'um muitas vezes millenario cemiterio  
D'Historia, cheio do terror das eras mortas...

Palavras soltas alta noute e extranhos actos !  
Mais ricos de pavor que, para quem andava  
N'um deserto solar com tenebrosos boatos  
De sangue, o descobrir a bocca d'uma cava...

Com que phantasmas, com que sombras fallarão ?  
Phrases, portas abrindo a funda escuridão  
De enormes cryptas d'alma habitadas de medos !

Talvez sonhos d'agoiro, obscuros como a Esphinge :  
Coveiros a cavar..., lençoes que o sangue tinge...  
Ou, quem sabe ! talvez macbethicos segredos !

Mas nas suas leituras de Edgar Poe requintara esta tendencia natural e chegara a descobrir a formula infallivel por meio da qual o grande poeta obtinha muitos dos seus effeitos de terror e de asphixiante mal estar. Consistia ella

em atacar com imagens inimigas sabiamente escolhidas, as nossas mais fundamentaes idiosincrasias, os nossos mais enraizados habitos mentaes. Arrepiavam os seus quadros de antropophagia e de vampirismo. E, contemplando um dia o formigar de minusculos insectos atravez d'uma forte lupa, o meu amigo concebeu a ideia de fixar na tela o pezadelo d'uma fauna de monstruosos invertebrados:— Um homem atado á cinta por uma corda, desce a uma enorme gruta, illuminando-a frouxamente por um archote e contemplando com olhos espavoridos um combate de gigantescas aranhas negras, horripilantemente velosas. A galeria prolonga-se em trevas para o fundo, deixando-nos adivinhar subterraneos pavores; mas o horror que mais me fascinava era esta ferocidade somnambula de animaes rudimentares, devorando-se na escuridão desco-nhecida do instincto, na absoluta noute da inconsciencia!

Depois d'estas ligeiras notas sobre o pintor, passarei n'um outro artigo, a apresentar o Poeta e a analysar o homem, procurando ao mesmo tempo reconstruir o Calvario interior que o conduziu ao suicidio.

CARLOS DE MESQUITA.





# OS NOYOS

## Dos Noyos e da sua Poesia

### II

Quaes sejam as relações da philosophia com as Litteraturas, é o que resumidamente vamos ver.

Faz-se modernamente da litteratura uma dependencia absoluta da Philosophia.

Provem isto talvez de se levar até ás ultimas consequencias a these de Taine, que considera a litteratura (por isso que assim considera a arte) um producto directo do *meio*, o que o levou a adoptar por methodo critico, n'esta ordem de estudos, a investigação da epocha, não descurando mesmo, e avisadamente, os caracteres ethnologicos.

Claro está, que hoje a producção do *Edipo-Rei*, ou dos *Adelphos*, sobretudo no que respeita á sua contextura, seria um phenomeno.

O modo da sociedade actual, as suas crenças, a sua moral fundamentalmente egoista, a falta de unidade mental, a decadencia progressiva dos caracteres, a morbida inconsistencia das vontades, todo este desfazer da nossa velha raça, não são de molde á producção das obras fortes e simples das litteraturas classicas.

Por velhos, embutaram-se-nos os sentidos; e a complicação das nossas obras d'arte é a unica capaz de nos suggestionar e commover, pelo relevo externo — impotentes como estamos para produzir qualquer coisa de duradoiro, imperecivelmente, fundamentalmente humano.

O critico das *Notes sur Paris*, disse que se fazia a reconstrucção d'um dado momento da Edade Media, pela simples analyse d'uma ogiva: é o fatalismo da natureza, de que Renan e Montesquieu foram dois grandes pontifices, pelas suas theorias do fatalismo da raça e do clima.

Parallelamente, faz-se hoje da litteratura tal dependencia da philosophia, que se julga poder reconstruir a feição litteraria d'um dado momento historico, pelo estudo da philosophia que lhe foi contemporanea.

O sr. Theophilo Braga, n'um rapido e luminoso estudo critico da obra de Balzac, entende que a ideia logica que presidiu á concepção e depois fortaleceu a execução da *Comedia Humana*, foi a theoria evolucionista de Darwin, ao depois desenvolvida por Haeckel e Lamarck.

Esta observação do illustrado professor, deriva da sua concepção das litteraturas, como um producto secundario da actividade mental, e consequentemente necessitado, para manter-se d'uma base philosophica e positiva.

E assim é que nós vemos, em razão da sua idolatria pela doutrina de Comte, assacar a varios escriptores que analysa (Garrett, Herculano, Castilho, etc.) como principal e fundamental motivo de reparo, por vezes acerbo e injustificado, a ausencia ou o erro de orientação philosophica, que para elle é só a positivista.

Está com o mestre, que via na litteratura, sem base philosophica determinante, o exercicio d'uma habilidade mechanica para a parte technica da arte.

Para o sr. Theophilo Braga, como para o seu critico Teixeira Bastos, o positivismo a tudo dá solução, mesmo aos problemas do sentimento: é ver a receita que o sr. Teixeira Bastos formulou para ter a felicidade, e que vem como prefacio a um inoffensivo livro do sr. Delphin de Brito Guimarães, intitulado — *Alma dorida*.

A adhesão incondicional a uma doutrina, e consequentemente a pretensão de com ella tudo resolver, faz andar não longe d'aquella *pedantocracia* que o mesmo sr. Theophilo Braga tanto vergasta nos seus livros.

Este criterio despotico com que deprimiu a trindade culminante do *romantismo* portuguez, serviu-lhe para exaltar os meritos de Balzac. Não precisava d'isso para ser justo, como d'esta vez o foi.



Seria pueril negar a influencia da hypothese de Darwin, n'um espirito culto e de prodigiosas faculdades de assimilação como o do auctor de *Père Goriot*; mas dar a entender (como se deprehe de das palavras do sr. Theophilo Braga) que sem a theoria do naturalista inglez, o plano e a execução da *Comedia Humana* não seriam, como foram, não parece que seja a verdade.

Não carece demonstração, que uma obra litteraria é uma *expressão* da Vida; e, com quanto Taine, e na sua esteira o sr. Moniz Barreto a tenham feito, julgamol-a dispensavel. Ora, sendo a philosophia uma *concepção* do systema universal da Vida, evidentemente a litteratura ha de basear-se n'ella. É, pois, rigorosamente verdadeira a lei, em virtude da qual *as litteraturas seguem sempre a orientação philosophica dominante*.

Não se diga que isto provem de serem as litteraturas uma fórma secundaria da actividade mental, como o entende o sr. Theophilo Braga: a litteratura é uma arte — se occupando-se do util no bello, como quer Baumgarten, se do agradavel, como diz Cherbuliez, ou successivamente pela evolução, d'um e d'outro, como pretende Dumont, não o discutiremos agora aqui; — sendo a arte um modo de produção voluntaria e reflectida da intelligencia, actuando por irritabilidade (Richet) em virtude d'uma emoção (resultado interno d'uma impressão) ou d'uma simples sensação (sem resultado externo), logicamente entra no dominio d'uma theoria da sensibilidade, em que pareça paradoxal, que o não é, por isso que não ha, para exteriorisar qualquer modo da actividade mental, senão a intelligencia, unica aptidão para o conhecimento.

As litteraturas, evidentemente, pertencem tambem a uma theoria da intelligencia, por isso que sem ella ficariam reduzidas a simples emoções inconscientes, incapazes de se transformarem em ideias, que são as fórmas reflexas dos productos da sensibilidade.

Mas por outro lado, sendo as litteraturas destinadas a produzir pela execução, estados de sensibilidade consciente, parallelos aos que produziram a concepção, e sendo seu objecto a perfeição na fórma, ou seja o *bello*, refere-se-lhes principalmente, organicamente, uma theoria da sensibilidade para a qual, n'este caso, uma theoria da intelligencia é ape,

nas um auxiliar, um accessorio. Consequentemente, parece-me acertada a opinião de Dumont, que não admitte para o termo *Esthetica*, só a significação que a limita ás bellas-artes, antes acha que n'ella se deve comprehender toda a sciencia da sensibilidade. Temos, pois, assente que a litteratura é um producto de reacções sensoriaes, tornadas conscientes pela adaptação mental.



Determinado que a litteratura é um directo producto da sensibilidade, como todas as artes o são, facilmente se verá qual seja a sua área.

Sem *fôrma*, nada se exteriorisa; e como a *arte* tem por fim provocar por suggestão da *fôrma* a comprehensão da ideia, conluo ser unico objecto da arte a *fôrma*, unica representação das imagens, unica modalidade *sensível* do bello. A *fôrma* é a modalidade da essencia; como tal, é objecto da arte a sua verdade, ou seja, o bello e não a verdade no conhecimento.

Se eu observar, por exemplo, uma allegoria mythologica de Rubens, o criterio que me ha de levar a declaral-o ou não, uma verdadeira expressão artistica, não é positivamente outro senão a sua correção linear. Não vou certamente extasiar-me pelo que poderei chamar o espirito da obra, ou a sua intenção: o que eu admiro é a harmonia grandiosa das figuras, a força adequada e justa do colorido, a firmeza incomparavel do desenho, a imponencia natural e nobre das roupagens, tudo quanto por exteriorisado actua nos meus sentidos, e provoca a acção consciente da intelligencia, a *fôrma*, emfim.

A audição d'uma phrase musical de Grieg, do *Album Blätter*, por exemplo, suggere-me impressões e determinados estados d'alma; e, intimamente, em quanto oiço, vou construindo um ideal mundo de chimeras — a sensação subtilizada pela intelligencia; assim, para um temperamento affectivo, um dos alludidos numeros de musica poderá ser — que sei eu! — um prodigioso soluço de nevrose, convulsionando todas as energias volitivas, n'um insaciavel desejo de coisas impossiveis, n'uma indomavel aspiração ao desconhecido.



Isto, que é a resultante d'uma certa tensão nervosa, produzida pela harmonia, não é evidentemente o que eu admiro; o que eu admiro, o que classifico como *arte*, é o poder de realisação suggestiva d'aquella musica, aquella successão de phrases ligadas, repetidas, de vez em quando suspensas, como o arfar de quem chorasse muito, em grande afflicção, animando-se depois, sempre no mesmo character, exaltando-se, arrebatando-se, hallucinando-se, para de repente parar, como de cansaço, e seguir pouco depois, como quem já chorou muito, e não póde chorar mais, a soluçar, a soluçar, a soluçar...

E o que é isto, senão a *fôrma*?

O mesma na esculptura, na architectura, em todas as artes emfim; o mesmo na litteratura, nos seus dois grandes modos: poesia e prosa. Evidentemente, segundo este criterio, uma obra de prosa, ou por anomalia em verso, em que a *fôrma* seja secundaria e a *ideia* ou a sua explicação o fundamental, não pertence á arte, nem á litteratura: por isso um compendio d'algebra não é uma obra litteraria, como o não é tambem um dicionario, ou um manual de cozinheiro.

O *bello* não é mais do que a verdade da *fôrma*.

E a verdade da *fôrma* é o objecto da arte, como é objecto da sciencia a verdade no conhecimento.

Portanto, a influencia que á Philosophia tenha de se reconhecer sobre a litteratura, é apenas directriz, nunca motora. A Philosophia é uma orientação, tendo por fim a actualisação da obra d'arte, no que ella possa prender-se com os seus ensinamentos.

Uma estatua, representando uma figura mythologica, não tem para nós, por mais maravilhosa que seja a execução, o encanto de qualquer outra esculptura representando algum typo dos que nós quotidianamente observamos na vida real.

E assim, se é innegavel a influencia da hypothese darwineana na obra de Balzac, é tambem incontestavel que essa influencia não estendeu até ao ponto de a inspirar: limitou-se a systematisar-lhe a concepção, subordinando-a ao tal principio de que *ha especies sociaes como ha especies zoologicas*.

Não analysarei, por fóra de proposito, a verdade d'esta ideia, para mim mais que duvidosa, se a applicarmos ás especies sociaes que podem fazer objecto do romance.

O que tive em vista, foi determinar, muito resumida-

mente, mas verdadeiramente, quaes as relações da philosophia com a litteratura. Isto para se vêr como é erro fundamental das escholas modernas de litteratura, tomar a philosophia como ponto de partida, como se a litteratura, producto da sensibilidade, e portanto perfeitamente pessoal, variavel, podesse vasar-se nos moldes objectivos e impessoaes do conhecimento abstracto !

Creio ter estabelecido uma verdade: oxalá me não engane, á semelhança d'aquella doida de que falla Leuret, que julgava ter um concilio de bispos na barriga, quando afinal, pela autopsia que lhe fez Esquirol, se provou que o que ella tinha era uma prodigiosa adherencia dos intestinos.

( Continúa )

ARMANDO NAVARRO.





## JERONYMO FREIRE

---

### II

Como deixei adivinhar no final do meu primeiro artigo, a biographia de Jeronymo Freire é exclusivamente interior, e é nisto, creio eu, que está todo o seu interesse. A sua vida foi com effeito um d'esses tempestuosos e raros dramas independentes de factos exteriores, um drama que teve por aventuras crises d'alma e unicamente idéas por personagens.

Se, auxiliado pelas minhas mais antigas reminiscencias e pelas confissões de que Jeronymo era prodigo ácerca dos annos anteriores á nossa ligação, procuro a qualidade primordial, que pela sua evolução e successivas complicações veio a determinar o curioso caso psychologico que me proponho estudar, encontro o facto, hoje banal e exploradissimo em litteratura, do desdobramento da personalidade, da coexistencia num só homem d'um actor e d'um espectador. Mas uma particularidade essencial distinguia o caso de Jeronymo de quantos tenho visto estudados.

A sua autoespionagem não era, como a dos outros, desinteressada e passiva. Nelle, era o espectador que impunha ao actor os papeis, regosijando-se se o desempenho corria á altura da sua exigencia, soffrendo amarguras innominadas ao menor desvio de perfeição que imaginara. O seu espectador era ao mesmo tempo auctor e por isso implacavel no julgamento da execução. Contava-me elle que, ainda muito novo, andara dominado pela obsessão de reconstruir em si a complicada e exquisita affectividade dos seus poetas preferidos, á frente dos quaes se achava Baudelaire. Nunca experimentara, dizia,

maior plenitude de gozo do que quando, numa vastidão violacea e êrma, ao crepusculo, sentia a alma aberta a estes versos:

Le violon fremit, comme em cœur qu'on afflige,  
Un cœur tendre qui hait le neant vaste et noir...

do que nas noutes em que podia recitar como seu *L'examen de minuit* ou os mornos poemas da serie dos *Spleens*.

Muitas vezes me affirmou que estivera prestes a suicidar-se por se sentir fechado a não me lembro que soneto, que um critico da sua estima considerava a obra prima de Baudelaire. E eu acreditava-o; porque conhecia o seu desmesurado orgulho, a sua atroz necessidade de se respeitar, de ser grande aos seus proprios olhos.

As torturas d'esta ambição de sentir, que, como todas as ambições, era um prenuncio d'aptidão futura, juntavam-se as da forma. Geralmente a aprendizagem litteraria faz-se por meio do pastiche, numa epocha em que a individualidade ainda dorme; de modo que mais tarde, quando ella chega á plena maturação encontra já cavado um leito por onde sem grande difficuldade se expande. Mas com Jeronymo foi o contrario que succedeu. Inexperiente na technica quando já era um curioso laboratorio de emoções, esse adolescente lembrava um viajante aventureiro arrojado a um paiz maravilhoso, d'onde o não deixassem sair interminaveis muralhas de gelos, e morrendo de desespero por não poder revelar aos homens a sua America. Cada tentativa de poema era seguida pela decepção de um aborto, e o mortal desalento, a inconsolavel prostração que ella lhe causava attingia as proporções d'uma lypemania. Depois d'estes desastres, vinham-lhe longos periodos de inacção, durante os quaes preferia contemplar as obras na infinita belleza do seu estado incorporeo, não ousando escrever com receio de dissipar o sonho, de o reduzir a versos miseraveis que o fizessem córar e chorar de raiva. Era, transportado para a arte, o caso dos amantes que se absteem da posse para não matarem com um prazer mesquinho as voluptuosidades sonhadas e que elles sabem irrealisaveis. Mas subitamente esta abstenção apparecia-lhe como uma cobardia, uma inferioridade, e a lucta começava de novo. Porque este indolente, que sempre tremeu diante da necessidade de tomar uma resolução, como diante d'um terrivel inimigo, era d'uma tenacidade invencivel logo que se tratasse da sua autolatria.



## BIBLIOGRAPHIA.

Sahiu em Lisboa o primeiro numero da *Revista Nova*, dirigida pelos srs. Trindade Coelho e Alfredo da Cunha.

Traz entre outros um capitulo do proximo livro do sr. Oliveira Martins, *A vida de Nun'Alvares*.

Editada a casa Antonio Maria Pereira, rua Augusta, Lisboa.



Em Coimbra appareceram a *Reacção*, a *Pequena Revista*, e a *Revista Livre*, inserindo esta ultima um artigo do sr. João de Freitas, *Questões religiosas*, primeiro d'uma serie, o qual pecca pelo seu facciosismo.

Sensata e quasi sempre justa a *Carta de Ivan* sobre o dr. Urbino de Freitas.

Espirituosos os artigos de Mad.



O sr. Eugenio de Castro, o bizarro Poeta, que primeiro levantou entre nós o Pendão da Revolta contra a Banalidade, vae publicar um novo livro de versos, *Sylva*, a que pertence a exquisita *Canção*, publicada neste numero dos *Novos*.



Em breve tambem será posto á venda o livro do sr. Alberto Osorio de Castro, *Excitadas*, de que já publicámos no nosso primeiro numero a delicada e rara poesia *Luar de Coimbra*, e de que neste numero vae um mysterioso rondel, *Ballada do dia de Juizo*.



# OS NOVOS

Condições de assignatura

PAGA ADIANTADA

Um mez, 150 — Tres mezes, 450 — Numero avulso, 100 réis

Redacção e administração dos *Novos* — Avenida Alexandre Herculano, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

*Anunciam-se obras recebendo-se um exemplar.*

---

## Annuncios Litterarios

Henrique de Vasconcellos

FLORES CINZENTAS

Editor França Amado — Coimbra

Preço 500 réis

BREVEMENTE

AS NOTAS D'UM ABORRECIDO

---

BREVEMENTE:

Jeronymo Freire

OBRAS POSTHUMAS

Com um prefacio de Carlos de Mesquita.



COIMBRA + Fevereiro + 1894

---

# OS NOVOS

---

Director — Henrique de Vasconcellos

---

## SUMMARIO:

### Prosa:

Dos Novos e da sua Poesia — III — Armando Navarro.  
Jeronymo Freire — III — Carlos de Mesquita.  
Dois numeros do livro «Alem» — Anthero de Figueiredo.  
Bibliographia

### Verso:

Elegia — Alberto d'Oliveira.  
Sol — Alberto Osorio de Castro.  
Confiteor — Henrique de Vasconcellos.  
Soneto — Camillo Pessanha.

---

---

Numero 3

---

---

Fevereiro, 1894

—  
COIMBRA

TYPOGRAPHIA OPERARIA

OS NOVOS

Quarta - Fundação de Vascócelos

1914

1. O Brasil e a América Latina - 1.ª edição  
2. O Brasil e a América Latina - 2.ª edição  
3. O Brasil e a América Latina - 3.ª edição  
4. O Brasil e a América Latina - 4.ª edição

5. O Brasil e a América Latina - 5.ª edição  
6. O Brasil e a América Latina - 6.ª edição  
7. O Brasil e a América Latina - 7.ª edição  
8. O Brasil e a América Latina - 8.ª edição

Número 3



Foi d'este modo que Jeronymo, tendo aliás invejáveis condições materiaes de felicidade conseguiu passar no meio de torturas essa epocha da vida que é para quasi todos desanuveada. Uma photographia dos quinze annos mostra-o de labios dolorosamente premidos como num post-sabôr de fel, os cabellos longos e lisos caindo com um ar fatigado, e nos olhos essa tristeza calma d'aquelles para quem a vida já não tem segredos. Curiosa e indefinivel physionomia em que a expressão infantil e os traços de velhice se acham de tal modo unidos que os pintores poderiam tomal-a para modelo d'uma figura da Orphandade. Dizia-me elle que, já passados muitos annos, se escutava de novo uma musica ouvida nessa idade, se respirava um perfume que então lhe fosse familiar, como se lhe tocassem num ponto contuso, numa ferida mal cerrada, sentia accoradar qualquer cousa de penoso, um sentimento indistincto de magua, que, analysado, mostrava invariavelmente no fundo a lembrança d'uma bella concepção abortada.

Passo em silencio pelas hostilidades que este superior egoismo levantou muito cedo em volta de Jeronymo, por não ser isso essencial para a historia do seu espirito e occupar um espaço de que não posso dispôr. Bastará dizer que elle, a semelhança d'um personagem de Leopardi, com quanto ninguém podesse accusal-o da menor offensa, viveu sempre rodeado de rancores pelo simples facto do seu desprendimento das cousas que para os mais são d'uma importancia capital. Mais do que para quem a perturba, a sociedade é implacavel para quem tacitamente a despresa; nada tem o dom de indignar o vulgo como demonstrar-lhe a mesquinhez e o vasio dos seus prazeres e a existencia d'outros que lhe são interdictos.

A pouco e pouco Jeronymo foi vencendo a forma. Os primeiros versos que elle julgou não dever destruir ou tem por thema incoerciveis notas psychicas, que muitos d'elles conseguem suggerir com todo o seu natural vago, com todo o seu indefinivel perfume, com toda a sua subtil delicadeza das *nuances*, ou se applicam a definir a expressão moral das cousas. Tudo isto não passa porem da parte secundaria da sua obra. Se elle tivesse ficado por aqui, se se tivesse limitado a observar ao microscopio d'uma introspecção rara, os elementos infinitamente pequenos da sua requintada sensibilidade, seria decerto um artista encantador, o poeta de alguns hyperesthesiados Des Esseintes, mas nunca seria verdadeiramente



grande e humano. Mas a sua mentalidade soffreu uma profunda transformação, ou antes, a sua verdadeira personalidade revelou-se de subito. Esta revelação foi devida a uma leitura de Schopenhauer, e tão repentina, que faz lembrar a historia d'algumas conversões celebres. A concepção schopenhauerana do universo foi a fuisca que fez explodir na sua alma as emoções adormecidas, que tornam a phase definitiva da sua obra um problema psychologico eternamente interessante.

«Sob as apparencias mentirosas de que a nossa intelligencia reveste o universo, alguma cousa existe de real — a *Vontade* — isto é, um desejo cego de persistir, que chega ao sentimento de si mesmo na animalidade superior e no homem. A nossa vida é elle: é por sua determinação que nós luctamos imaginando todavia que o fazemos livremente e em vista do interesse individual; é em obediencia a elle que os criminosos preferem o horror d'uma penitenciaria á aniquilação instantanea pela guilhotina. É d'elle que nos vem a illusão d'um ceu em cada olhar femenino, é d'elle que nos vem a illusão da coragem, é elle que cria todas as chimeras, todos os intangiveis fogos-fatuos que nós perseguimos, sem vermos que não somos mais do que joguetes nas mãos d'esse Genio, que tem a mais soberana indifferença pelo individuo e quer a todo o custo conseguir o seu fim unico: — a existencia. — Para que viver então, para quê?»

Eram estas pouco mais ou menos as reflexões de Jeronymo, apoz as suas leituras de Schopenhauer. E na revolta, na amarga decepção de trahido da interrogação porque ellas terminavam, está todo o segredo do seu temperamento e, creio eu, a chave do problema do pessimismo. Aquelle «para quê?» condensa toda a sua alma e toda uma familia d'almas.

Com effeito, e Jeronymo era o primeiro a reconhecê-lo, não ha verdadeiramente doutrinas pessimistas. O pessimismo reside muito menos nas doutrinas do que nos espiritos que as recebem. Eu concebo sem a menor difficuldade que as theorias de Schopenhauer e de Hartman, deixem perfeitamente calmos numerosos leitores. A negação da Providencia, para dar um exemplo banal, é para muitos indifferente e até agradavel, e para alguns atrozmente dilacerante. Não será difficil tambem encontrar uma pura verdade scientifica que dê a muitos sabios um sentimento de gostosa submissão ás leis



naturaes, a Littré uma vaga melancholia resignada <sup>1</sup> e a Leopardi uma inundação de fel. Parece-me portanto evidente que o pessimismo philosophico é uma impressão dolorosa produzida por abstracções, e resultando do conflicto entre uma intelligencia aberta á verdade e uma sensibilidade com tendencia para a illusão anthropocentrica. O caso de Jeronymo Freire pelo menos justifica plenamente a minha opinião.

Jeronymo era um predisposto para o pessimismo que o dominou na ultima phase da sua vida. Excessivo nos desejos ao ponto de pedir á vida o impossivel, eram terriveis as suas decepções apoz o facto consummado, vendo a mesquinhez, o finito da realidade ao pé do infinito que lhe promettera a imaginação. Na primeira viagem que fez ao estrangeiro escreveu em Paris um *Spleen*, de que destaco estes dois versos caracteristicos :

Que illusão ! viajar para fugir ao tedio !...

— Já por muito correr perdeu a sombra algum ?

E vinham-lhe a cada momento estas explosões de bilis, a proposito das cousas mais triviaes e mais prosaicas. Ao contrario do que succede a todos, um forte appetite tornava-lhe insuportavel o mais delicado jantar, porque nada n'elle correspondia ao festim de deuses que a dieta lhe fizera sonhar. Depois d'um mez de castidade todas as mulheres lhe causavam nauseas...

Creio bem que elle chegaria espontaneamente a uma concepção do universo implacavel para o egoismo, se a não tivesse tão cedo recebido já feita, e se a sua educação e o seu talento pictural lhe não contrariassem as aptidões especulativas. A prova d'isto está numa poesia, relativamente inferior, escripta alguns annos antes da sua conversão ao schopenhauerismo, e em que se encontra já o germen da futura revolta contra o «Genio da especie», que tão grande parte occupa do seu poema — *No pincaro da Renuncia*.

Sobre ser um delicado da familia de Des Esseintes, Jeronymo era tambem um apaixonado á maneira de Leopardi,

<sup>1</sup> ... je me répète le mot que Littré m'a dit un jour : « Ah ! mon ami, l'homme est un composé instable, et la terre une planète bien inférieure. » — Flaubert, *Lettres à George Sand*. São no mesmo tom melancholico as poucas poesias que elle deixou.

exigindo mulheres que fossem anjos, puros espiritos exilados, como a Seraphita de Balzac e para elle o amor, era alguma cousa de sagrado, uma iniciação, um ante-gosto do infinito da bemaventurança. Dito isto, comprehende-se bem quantas decepções de falsas pistas anciosamente seguidas o teriam preparado para receber a doutrina do philosopho de Francfort.

E note-se que lhe bastou uma leitura incompleta: as consequencias da theoria adivinhou-as elle. Bastou-lhe saber a vaidade irremediavel de todo o desejo para que o seu extraordinario orgulho o fizesse immobilisar budhicamente na Renuncia. A Natureza appareceu-lhe sob a imagem d'uma cavillosa entidade que nos embriaga para realizar os seus planos, e, quando a accusam de traição, nos responde como ao islandez de Leopardi: «Imaginarás tu por acaso que o mundo foi feito para ti?» Sim, lá bem no intimo, elle suppunha isso e sem essa illusão era-lhe impossivel *viver*.

O dom do desdobramento que aos quinze annos lhe permittia dar-se em spectaculo emocional a si mesmo fazia com que elle agora se visse um titere movido pela Vontade universal e não havia maior tortura para o seu egoismo. Extranho egoismo ao qual eu não hesito em chamar sublime, porque só em rarissimos grandes Poetas se encontra esta faculdade de sentir abstracções.

Depois d'isto é já comprehensivel o schema que vou fazer do poema *No pincaro da Renuncia*, na primeira pagina do qual Jeronymo escreveu estas palavras do seu irmão Amiel:

*«Le philosophe est l'homme à jeun dans l'ébriété universelle; il aperçoit l'illusion dont les creatures sont le complaisant jouet...»*

Este pequeno poema é feito de trechos perfeitamente autonomos, mas intimamente ligados pela identidade do sentimento que traduzem. Esse sentimento é a raiva de se atormentar a si proprio, o extranho prazer de se cravar um punhal no peito e revolvel-o longo tempo na ferida, a escumante revolta d'um Othello, que se compraz dolorosamente na certeza da dilacerante traição. Nem um momento a emoção desfallece. É uma tempestade de sarcasmos, de imprecacões, de violentas gargalhadas de escarneo lançadas ás faces dos ingenuos. Tem a gente a impressão d'um rir de demonios e acodem-nos á memoria as palavras d'um biographo de Schopenhauer: «Ao ouvil-o fallar parecia-me sentir passar sobre mim um sopro glacial que saisse da porta entre-aberta do



Nada.» Todos os motivos das acções humanas são mostrados na sua desoladora realidade — uma cilada da Vontade. São d'uma sinistra belleza as estrophes compostas sob a impressão de não me lembro que quadro moderno em que um marinheiro, ao desembarcar á tarde, beija effusivamente um filho que a mulher lhe apresenta na praia. O tom em que se dirige a esses paes é d'uma superior e humilhante piedade. Põe-lhes a nu a illusão que os move, mostra-lhes que elles, julgando fazer alguma cousa de augusto e de eterno, apenas andam preparando mais uma victima para lançar ao ventre insaciavel do Moloch inconsciente e absurdo, desesperadamente absurdo da existencia.

Mas a parte mais notavel do poema é sem duvida a ultima, aquella em que renuncia ao amor.

Ahi a mulher apparece como o portico d'ouro da miseria humana, portico por onde de longe se entrevê o ceu onde apenas existe para um Poeta alguma cousa de peor que o inferno. A estes nostalgicos de Sonho são as que teem um ar ethereo de exiladas do paiz da Chymera, que conseguem arrastal-o ao turbilhão ignobil da vida. No trecho intitulado *Elogio da Dôr*, a mulher com a doçura d'um canto de sirena convida o Poeta a ir affogar no amor as suas idéas torturantes, e é então que elle se ergue num pedestal de invencivel desdem e em versos inolvidaveis chama ao amor e á acção uma cobardia — o narcotico com que os timidos adormecem a Rasão, a beberagem que outr'ora se dava por compaixão aos crucificados, o alcool com que os marinheiros prestes a ir a pique se embriagam. Elle pelo contrario queria que todo o seu esforço consistisse em manter bem acceso o fogo sagrado da Dôr ou antes da desolação da Verdade — a unica cousa que o enobrecia aos seus proprios olhos. <sup>1</sup>

E isto era nelle uma obsessão.

Nas suas conversas, que eram sempre magnificos comentarios dos seus poemas, esta idéa era desenvolvida a miudo, com uma verve, com um arrebatamento de louco lucido a quem tocam no assumpto da sua monomania. Parece-me ainda que o estou ouvindo expôr com uma pasmosa eloquencia

---

<sup>1</sup> A extrema falta de espaço inibe-me bem a meu pesar de fazer transcrições.

o seu horror ao casamento; fallava nisto horas seguidas, com o ar de quem monologa sem testemunhas, e esta phrase vinha-lho a cada momento como um *refrain*: — A mulher é o inimigo da alma. Uma occasião encontrei-o a olhar attentamente, num dos seus quadros, uma ideal figura femenina e perguntei-lhe que sentimento ella lhe inspirava.

— Inspira-me, respondeu-me elle, uma violenta explosão d'este verso d'Anthero, á luz da manhã:

Eu não te posso amar — não quero amar-te!

E realmente nada exprime melhor o seu estado d'alma. Elle não podia, mas sobretudo não queria amar, porque contra isso se revoltava o seu horror de ser victima das illusões que movem a grande massa da humanidade.

O seguinte trecho d'uma carta que elle me escreveu ha annos é um precioso documento d'este caso de perfeita obediencia ao despotismo d'uma idéa: «... Se insistires ha de parecer-te que és heroe d'uma soberba tragedia de amor, porque vês o caso por dentro, quero dizer vês o teu sentimento. Mas faze um esforço para sair de ti e olhar o episodio como simples espectador e reconhecerás que essa enorme tragedia se reduz ás proporções de tantas outras que teem por protagonista um caixeiro apaixonado pela filha do patrão.... Vê que triste cousa é a gente deixar-se dominar pelo instincto sexual a ponto de fazer da posse d'uma mulher o interesse superior da vida e sacrificar-lhe as nossas ambições intellectuaes. Tu vaes responder-me que esta illusão é uma fatalidade da nossa natureza e que, entrando ella em nós, é-nos tão difficil raciocinar com lucidez como a um coxo andar direito. Não é tanto assim. Eu tinha em tempo pesadellos horriveis, em que julgava precipitar-me em despenhadeiros d'uma profundidade insondavel, e neste ponto accordava, reconhecendo com indizivel consolação que tudo aquillo não passara de sonho. Com a repetição do facto a idéa de queda num abysmo e a lembrança de ter muitas vezes accordado confortavelmente deitado associaram-se de tal modo, que mais tarde todas as vezes que tinha o medonho pesadello, tinha tambem — ainda a dormir — a certeza de estar sonhando e de dentro em alguns momentos despertar. Ora isto que se dava com o sonho da-se egualmente com o amor. A lembrança das minhas antigas paixões anda tão estreitamente associada á lembrança da



decepção que as seguia, causada pelo reconhecimento de que eu tinha sido uma simples marionette nas mãos do Genio da espécie, que hoje, no meio da mais cegante impulsão amorosa, apparece-me com a sua face despresadora e sarcastica esta idéa inhibitoria, e tanto mais nitida quanto mais forte é a febre. — Assim, quanto maior é a tensão do vapor n'uma machina, tanto mais se escancara a valvula de segurança para lhe dar esgoto...»

E d'uma outra vez: «... Para me esquecer de que vivo tenho andado a reler Balzac. *La recherche de l'Absolu* pareceu-me d'esta vez não o estudo *d'un certo* episodio, nem a analyse *d'un determinado* caso psychologico, mas a larga allegoria do eterno conflicto entre a Intellectualidade e a Mulher. Aquelle Bathazar Claës, que se arruina em productos chimicos e aparelhos, dominado pela obsessão de descobrir o unico corpo simples, é o symbolo da vida intellectual; madame Claës, procurando arrancar-o ás suas absorventes occupações scientificas e chamal-o aos deveres domesticos, é o symbolo da Mulher, isto é do zelozo guarda dos interesses e dos preconceitos sociaes. Nunca vi com tanta nitidez a incompatibilidade dos altos e desinteressados trabalhos do espirito com a odiosa necessidade d'acção, de inconsciente obediencia ao Genio da existencia, que o casamento nos cria. Poetas, fugi da Mulher, fugi do inimigo da alma!...»

Jeronymo, como todos os delicados, era naturalmente propenso ás voluptuosidades espirituaes do mysticismo. Se assistia a uma missa sentia-se paralyzar de assombro ao levantar a Deus, quando uma campainha vibra anciosamente como um coração que vê chegar um momento solemne, e todas as cabeças se baixam num subito recolhimento, ante o mysterio augusto da Transsubstanciação! A branca radiação immovel de mil cyrios accesos numa capella mór, em quinta feira santa, dava-lhe a impressão de ter penetrado — enfim! na luminosa paz, na deslumbrante gloria da Eternidade.

N'uma das suas viagens ao estrangeiro tomou conhecimento, na convivencia d'alguns poetas belgas, com os livros dos grandes mysticos. É facil de reconstruir a impressão que elles produziram num espirito, como o seu, mortalmente desgostado da vida e sequioso d'alguma cousa de supraterrestre. Em Jean Rusbrock *L'Admirable*, a extrema delicadeza do sentimento das *correspondencias*, maravilhosa faculdade de

lêr nas cousas da terra pensamentos celestes, a cada instante lhe cerrava os olhos em desmaio, como um perfume de incenso. . . Swedenborg, com a sua visão angelica, percebendo as cousas não exteriormente como os homens, mas já na sua essencia, por uma communicação directa de puro espirito com os espiritos que povoam o mundo, e fallando do ceu como um descobridor falla das suas viagens, arrebatava-o da vida, abria-lhe infinitos de sonho, dava-lhe á alma a plena beatitude do clima natal.

Mas se nos dominios do sentimento as doutrinas mysticas imperavam sem rival, a intelligencia ficava livre, porque a sua primeira educação philosophica lhe interdizia a crença.

A sua lucidez impedia-lhe toda a tentativa de conciliação entre o schopenhauerismo e o mysticismo neocatholico de Swedenborg. A consistencia das antigas convicções era para elle tão desapiedada, como para um dos Goncourt perdido n'uma reveria no seu camarote da Grande Opera, esquecido de que o espectaculo terminara, a voz que o chama á realidade, fazendo-lhe suspirar esta phrase que resume todo um capitulo da psychologia contemporanea: «*Mais pourquoi les opéras finissent-ils?*» Das suas leituras apenas lhe ficava a nostalgia do ceu.

Foi d'esta contradicção que resultou o poema intitulado *Flôr-de-Lyz*. Este titulo enigmatico necessita d'uma explicação. Requentada pela influencia dos mysticos, a sua natural comprehensão psychologica das cousas fazia-lhe vêr na flôr-de-lyz o symbolo do seu estado de espirito, e aquella simples palavra evaporava para elle mais alma do que todas as subtilezas de analyse. A invocação que abre o poema procura explicar esta mysteriosa correspondencia.

Umaz vezes o lyz heraldico apparecia-lhe como uma alma transida, elançada para o ceu, enquanto aos lados as azas lhe descaem para a terra na impotencia de voar á patria da eterna belleza; outras vezes era o desabrochar d'um desejo terrestre accordando, ainda irrealizado, a fadiga e a decepção. Jungindo por um annel de simultaneidade a aspiração para a fé e a impossibilidade de crer, a erupção do desejo e a curvatura do tédio, a flôr-de-lyz parecia-lhe embalar-se com aquelle soneto divinamente nostalgico d'Anthero, *Tormento do Ideal*:

Conheci a belleza que não morre  
E fiquei triste...



E d'este modo esse symbolo convencional de aristocracia de sangue transformou-se para elle em symbolo natural da aristocracia d'alma.

Este poema é d'um symbolismo perfeitamente obscuro para quem não tiver a divina facultade de comprehender a linguagem das cousas. Mas áquelles que souberem penetral-os, esses symbolos abrirão melhor do que toda a expressão directa as portas do Sonho; e muitas vezes, fazendo-lhes perder pé da analyse, hão embalal-os com uma harmonia grandiosa e solemne sobre as enormes vagas subterraneas do Mystério.

(Continúa)

CARLOS DE MESQUITA.



## CANÇÃO

---

Eu canto amores,  
Ao sol e ao luar,  
Eu canto amores  
Mas não posso amar !

Canto amores ao som da frauta e do pandeiro  
Mas já não posso amar :  
O meu amor era marinheiro  
E morreu no mar...

Tranças côr d'amora, tranças côr do linho,  
Estou cheio de dores,  
Estou entrevadinho,  
Já não posso amar !  
Mas canto amores  
Ao sol e ao luar...

Tranças côr d'amora, tranças côr do linho,  
Quando me ouvis cantar sob as ramagens,  
Sou qual piloto entrevadinho  
Contando as suas viagens...

Eu canto amores  
Ao sol e ao luar,  
Eu canto amores  
Mas não posso amar !



Todas as flores são murchas,  
E mortas todas as estrellas...  
Sou como um doido, lindas Donsellas,  
Que se enfeitasse com rosas murchas...

EUGENIO DE CASTRO.

BALLADA DO DIA DE JUNHO



## BALLADA DO DIA DE JUIZO

---

«Ora Deus não o é de mortos,  
mas de vivos, porque todos  
vivem para elle.»

EVANGELHO DE SÃO LUCAS,  
CAP. XX, V. 38

---

Nas trevas estão, Senhor!  
Bateu a terra o coveiro.  
Lá vem o luar de janeiro!  
Olha as macieiras em flor!

Depois, o sol é um brazeiro.  
Moireja o vindimador...  
Enche as covas, bom coveiro!  
Nas trevas estão, Senhor!

Passa o alvo luaceiro,  
Passam os soes num ardor,  
Mail-as chuvas, e nevoeiro...  
Nada sentem, bom coveiro!  
Nas trevas estão, Senhor!

Obidos, novembro

ALBERTO OSORIO DE CASTRÓ.



## DO LIVRO 'ALMA'

---

Bocas anonymas soluçam pelo ar  
Um doce canto azul d'um rythmo langoroso,  
Lenta canção que affoga as Almas em pezar,  
Vago pezar, immotivado, mysterioso...

É uma magua sem fim, uma tristeza doentia,  
Uma saudade do quer que é, remoto, ausente...  
Uma nostalgia *d'au-delà*, uma nostalgia  
D'um Paiz esfumado ao longe, vagamente...

Cantae, violas do Outomno e bocas do Sol-posto,  
Cantae, gemei a vossa mystica ballada.  
Oh! como cresce ante esta orchestra o teu desgosto,  
Alma violacea, inconsolavel desterrada!

ROBERTO DE MESQUITA.



## NOUTE

---

A Lua é alva em seu castello. É como um canto  
Subindo na Assumpção da Alma de morta Freira.  
Com que unção! E que paz! Meus olhos alevanto  
Tranquillamente. Ha ramos puros d'oliveira

Antre as nuvens, no Céu. Soluços... de quem são?  
Soluços brancos da freirinha — tão fermosa!  
Ha um véu branco de primeira communhão  
Por sobre as Almas e por sobre as cousas! Rosa

Mystica e branca dos Noivados com Jesus,  
Vae seguindo no Céu orando e abençoando.  
E que alva claridade em sua branca luz!  
E o seu suave olhar tão brancamente brando!

Exilada no Céu Azul, ó Freira, chora,  
Reza sempre por nós. N'esse teu gesto bento  
De Perdão, continúa até que venha a Aurora,  
Continúa a rezar n'esse teu passo lento.

Tu és a Santa, eu sei. És a Virgem Maria  
Que sae do Céu á Noute a dar a sua benção  
Aos Crentes, e recolhe apenas vem o dia.  
És Bondade suprema. E para que os Bons vençam



Os Maus tu vens dar-lhes coragem. Minha mãe!  
Faze a minh'Alma Azul e vem passeiar n'ella,  
Ella é tão ampla como o Céu — tão ampla! — vem!  
E então será mais bella do que o Céu — mais bella!

Coimbra, 25 — X — 93.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.



MAR-NEGRO QUE É MAR-MORTO. . .

---

Sei de uns olhos!...— Oh olhos verde-mar  
À noite!— verde cinza, oh verde palma!  
Crepusculos do Outomno! O vosso olhar  
É côr da cinza que anda na minha alma.

Olhos da Dôr em extase dormente...  
Cyrios accesos, oh pallidos cyrios!  
Quarta Feira de Cinza ao sol-poente:  
Olhos verde-cinzentos... dois Martyrios!

(Abysmos a que nunca topei fundo!)  
Lua entre nuvens, luarentos Ceus...  
Luzes do Gelo, gelos do Outro-Mundo!  
Alampadas frias de mausoleus...

Canções funebres, sem um só alegre,  
Pharoes lividos num sombrío porto!  
Seja o vosso poente no Mar-Negro  
Da minha alma!— Mar-Negro que é Mar-Morto!



# OS NOYOS

## Dos Noyos e da sua Poesia

### III

Partir da philosophia para a poesia é um erro; mas para os novistas não foi um erro desastrado.

Ao contrario, provêm d'aquí um dos seus maiores beneficios á evolução das fórmas poeticas.

Como consequencia da sua orientação idealista, proveio o generoso e altivo esforço para a renovação da linguagem e liberdade da metrica; e a plastica do verso, tão perfeita no sr. Eugenio de Castro, é o que afinal hade ficar de todo este movimento, abrindo, como um relampago, um dilatado horizonte ás gerações futuras.

Tudo passará: o pessimismo frouxo e por vezes artificial, postiço e calculado; o mysticismo adrede procurado nos pensadores solitarios do seculo XIV, Ruysbroeck sobre tudo; o amor exhalando-se, á semelhança do *Cantico dos Canticos*, em correspondencias da natureza; as analyses interiores cheias de symbolismos hallucinados e phantasmagoricos, com o mesmo processo mas menor intensidade que o Apocalypse; tudo isto se irá com o tempo: mas o que durante muitas gerações ainda, aguentará o modo artificial da linguagem chamado *poesia*, é a liberdade da metrificação, o abandono dos antigos processos mechanicos de fazer versos, a expansão plena e pujantissima da ideia, no colleamento plastico da phrase. Fructificou assim o idealismo; e se é errada a sua concepção da vida do universo, produz ao menos compensa-

doramente, inexprimíveis estados de beatitude espiritual, embebendo as almas no estonteante fluido da illusão, transportando-nos pelo culto do ideal, para os paizes da chymera, infinitamente longe da grande amargura d'esta vida, da profunda miseria da existencia.

É elle que nos exacerba no desejo de melhor; e se o pessimismo paira já d'azas pandas sobre a humanidade ou nos rõe o coração como verdête, não nos impede ainda de ter poderosas aspirações ao que sabemos irrealisavel, fazendo-nos viver por vezes, neutralizado a percepção para as exterioridades — as mais affectivas, — entre o absoluto a que aspiramos e os ultimos confins do limitado que somos.

E' elle que nos salva do pessimismo, e o fecunda para a arte, porque, a meu vêr, o pessimismo é para ella como para Huysmans o patriotismo, uma qualidade negativa.

O pessimismo, mesmo considerando-o organizado na methodisação de theoria philosophica, é um systema essencialmente subjectivo: é a revelação da inaptidão do individuo para a integração no seu meio; os phenomenos seguem a sua evolução natural, sempre, invariavelmente, segundo leis: o individuo é que tem de exercer as suas forças de adaptação, e é justamente da maior ou menor intensidade d'ellas, que depende e deriva o seu modo de ser, e consequentemente a sua synthese comprehensiva da vida.

Gerou-se modernamente, da successiva bancarrota das ideias das escholas estheticas, philosophicas e politicas, e como querem alguns, (Caro entre elles), como reacção contra o optimismo do seculo XVIII.

O pessimismo será sempre um modo de vêr pessoal, subjectivo, cuja orientação é a resultante do numero de vantagens para o individuo, na sua lucta pela vida. Como tal, é organicamente esteril como fonte de produção para a arte, porque orginaria apenas uma analyse interior, a exposição mais ou menos detalhada de estados psychicos e até physiologicos (o aborrecimento), com caracteristicos morbidos mais ou menos sinceros, e nada mais.

Foi talvez por esta combinação do pessimismo com o idealismo, que os novistas, exceptuando o sr. Antonio Nobre, conseguiram ser por vezes poderosos impressionistas, e achar uma variante curiosa e duradoira para a fórmula antiga da descripção, que consiste em trazer ao espirito a imagem



d'um certo aspecto da natureza, por meio d'uma suggestão proveniente, não da apresentação pictural da paisagem, mas da exposição incisiva e emocionante das impressões e modificações, que o relevo e colorido do aspecto a traduzir, produziram na personalidade do artista.

Consegue-se este effeito, por meio d'uma engenhosa orquestração verbal, attinente a produzir, pela suggestão do som, um estado sensacional em virtude do qual o espirito do leitor reconstrúa, por logica evocação e applicação das modificações de sensibilidade, a paisagem tal qual provocou o escriptor.

Foi o exaggero d'esta formula, que originou os exotismos de Arthur Rimbaud e René Ghil, que, comquanto cautellosamente, o poeta das «Horas» adoptou para algumas das suas poesias, porventura sectario da opinião de Mallarmé, para quem a clareza é uma graça secundaria.

Este processo complicado, mas de seguro effeito para os intelligentes de boa-fé, foi talvez o que mais indignações provocou contra o *symbolismo*.

O sr. Max Nordau, n'um livro intitulado *Degenerescencia*, entrega-se aos mais lamentaveis desatinos a proposito das tentativas innovadoras que n'este sentido os novistas francezes teem feito. Para elle, Verlaine é um *circular*, por outra, um degenerado em que os estados de excitação e depressão regularmente se seguem; Charles Morice um *graphomano imbecil*, Mallarmé um *pobre de espirito*, Moréas *idiota e imbecil*: trata todos com esta amabilidade, o tudesco, n'uma linguagem de caserna, propria de caipora de exportação, trahindo, apezar da carioquice farronqueira do estylo, o despeito de quem, nascido para bacorejar, tentou levantar os olhos ao céu, e se reconheceu para isso congenitamente impotente.

Quando me referir ao sr. Eugenio de Castro, tentarei desenvolver um pouco esta parte da esthetica symbolista.

Referir-me-hei ainda, passageiramente, ao *mysticismo*, de que os srs. Oliveira Soares, Henrique de Vasconcellos e Alberto de Oliveira (este ultimo por uma fórma caracteristica e mais sã) se mostram imbuidos.

Max Nordau, na segunda parte do livro já citado, tem um bello estudo que intitulou *psychologia do mysticismo*.

Para elle, «o mysticismo é um estado da alma, em que se julgam perceber ou pressentir relações desconhecidas e



inexplicaveis entre os phenomenos, e em que nas coisas se reconhecem indicações de mysterios, considerando-os symbolos, com que uma obscura potencia procura revelar, ou fazer entrevêr toda a qualidade de maravilhas, quasi sempre debalde prescrutadas», e provêm d'uma fraqueza da vontade, congenita ou adquirida, que inibe de dirigir pela attenção a acção da associação das ideias, e em virtude da qual a consciencia obtem uma imagem desfigurada e vaga de mundo exterior.

Esta theoria, que como se vê levaria á conclusão de fazer de cada degenerado um mystico, o que é falso, foi que o levou a classificar os escriptores symbolistas de imbecis e idiotas, porque esta especie de doentes da mentalidade é privada da faculdade da attenção, como o demonstrou Esquirol e as observações de Ribot corroboram.<sup>4</sup> Max Nordau explica por physiologia como o mysticismo contem sempre, a par do desejo de libertação das fórmulas externas e vulgares, um principio forte de erotismo.

Mas o que elle nos não explica, e o que constitue a caracteristica do mysticismo, é a sua orientação religiosa, que leva muitas vezes á expressão em formulas lithurgicas ou suas similares.

Nunca o religiosismo deixou de ser um componente do mysticismo, como não podia deixar de ser, porque este estado espiritual, que Cousin denominou *um acto de desespero da razão*, provêm da disposição congenita ou adquirida do individuo para aspirar a um *modo* permanente do *ser*, de essencia perfeita e plena, immutavel e indivisivel, pela contemplação interior voluntaria e tensa, conducente a um monoideismo em virtude do qual, perdida pelo desvio da attenção a força da consciencia para os objectos e phenomenos do mundo exterior, se fica reduzido á percepção interna, originando um systema de relações cuja orientação é o temperamento ou a educação de cada um.

Pela convergencia da actividade cerebral á coordenação das imagens interiores, vae-se formando uma seriação mental nitida e exaltada, que pode levar aos excessos da allucinação ou do *extase*,—estados em que a concentração da innervação é tão violenta, que absorve todas as energias potenciaes da vida, deixando exercer-se apenas a imaginação.

<sup>4</sup> *Psychologie de l'attention*, cap. III.



Claro que esta fôrma extrema do mysticismo, que foi a de Santa Thereza, se não dá nos poetas novistas: requer um systema nervoso excessivamente vibratil e destrambelhado, um espirito acostumado ao manejo e meditação das abstracções, ou a prolongação d'uma mesma sensação simples, homogenea e continua; mas quasi todos elles o teem na sua fôrma mais singela e inoffensiva, e o cultivam, — quero crêr que por dandysmo — porque as modernas condições da existencia não são para a execução dos complicados processos dos monges do monte Athos.

É verdade que por impulsão do temperamento, o pessimismo pode levar até ao mysticismo; mas julgo não dever fazer assim a etiologia do mysticismo dos novistas, porque nada me auctorisa a suppôr que sem a leitura dos poetas symbolistas francezes, elles seriam pessimistas, e porque o sr. Eugenio de Castro por exemplo, tendo muito mysticismo na sua poesia, não é propriamente um pessimista.

Idealismo, mysticismo! Dois vigorosos propulsores do movimento de revolta das novas escholas de poesia; causas do esplendido arrojio com que se libertou o verso do formalismo lobrego do parnaseanismo, esse classicismo abonecado, e se tentou a renovação da linguagem pelo processo suggestionante da harmonia verbal, pela elasticidade da phrase na liberdade da metrica. Idealismo, mysticismo! Perigosissimos systemas para andar por esta vida, porque nos não põem em equilibrio a Intelligencia e a Vontade; mas abençoados systemas que tão bom fructo produziram para a arte, e nos dão tão consoladores momentos de illusão, para todas as amarguras da existencia, até ao prodigio de nos fazer vêr nas mulheres amadas, (quando as não vemos) a par da certeza do engano, espirituaes figuras de virgens ideaes, cuja pelle fosse a fôrma palpavel do Perfume, trahindo minuciosidades de anatomia delicada como os quadros de Denner, com sentidos frios e vestindo de branco como os montes que são muito altos, com resplendores de cabellos auroraes e olhos de creança ingleza, banhados de expressão dulcissima e calmante, e com um timbre de voz humido e doente, que lembrasse os gemidos d'um violino a agonisar sob a caricia desvairada dos dedos d'um visionario lymphatico!

(Continúa)

ARMANDO NAVARRO.

No meu artigo precedente vem uma inexactidão, que, comquanto nada influa para a logica seriação das ideias n'elle contidas, convém comtudo corrigir, em homenagem á verdade, e para evitar dizeres da vulpina solercia d'algum mecheriqueiro mal intencionado.

Onde se lê: «ao depois desenvolvida por Haeckel e Lamarck», deve lêr-se: «ao depois desenvolvida por Haeckel sobre a hypothese de Lamarck».

O auctor da *Philosophia zoologica* foi o precursor do darwinismo: e só por lapso podia sahir, como sahio, aquella inexactidão.

A. N.

Foi me entregue este artigo antes da sahida do 3.º numero da *Reacção*. Razões especiaes fizeram demorar a publicação d'este numero.

H. de V.





## JERONYMO FREIRE

---

### III

Com a *Penitencia* terminou Jeronymo a sua jornada interior. Este poema, que é a ultima phase de maturação do estado de espirito que produziu *No pincaro da Renuncia*, tem como prefacio estas palavras do *Caminho da perfeição* de Santa Thereza de Jesus: «Parecerá demasiada severidade dizer-se que não devemos ter prazer em cousa alguma do mundo; mas como é delicioso o prazer que nos dá essa mortificação e como é grande o proveito que d'ella colhemos mesmo n'esta vida!»

A revolta escumante e violenta transformou-se n'uma tenacidade friamente rancorosa, n'um vigilante e obstinado espirito de desobediencia. Jeronymo imagina-se um prisioneiro irremissivel que um carcereiro hypocrita quer obrigar a um tributo humilhante, e sobretudo absurdo e para isso reveste toda a acção d'uma promessa de gozo. Pois bem: elle verá cheias «as taças tentadoras» e affastar-se-á com desprezo, ou, sentindo-se forte, hade encaral-as de perto, desafiando-as, chegal-as mesmo aos labios — e cuspir-lhes:

O prazer de esmagar sob os pés a Serpente,  
De esmagar as paixões, de esmagar os desejos!...

A penitencia é proclamada como a mais bella ou antes a unica virtude, «a virtude essencial» não a penitencia que provem da humildade, mas a que provem do orgulho. Nunca um asceta christão teve maior odio á Carne, nenhum pecesso exorcismou com mais ardor o demonio.

Mas d'esta furia negativa uma impulsão escapa, que é mesmo affirmada com enthusiasmo e com religiosa unção: a necessidade de se dedicar, de se sacrificar budhicamente aos outros. Como esta fôrma de actividade não implica a humilhação intoleravel da obediencia a uma illusão, antes exige para se realisar a mortificação do egoismo, a *Penitencia* celebra-a como a unica digna d'um pensador, como a unica compativel com a nitida consciencia da verdade. As estrophes que cantam a caridade são de uma augusta e melancholica belleza, d'uma belleza desolada de marcha funebre, — marcha funebre que tivesse contudo alguma cousa de heroico e de tristemente abençoante... Grandioso Requiem que soube compôr para si mesma uma alma que encara emfim serenamente o nada da existencia tendo para os fracos, para os que ainda não chegaram ao estado de santidade palavras de bondade e de amor!

Esta moral, que é a de Budha e a dos néobudhistas modernos, nenhuma originalidade tem considerada em si. Considerando-a porém na sua genese ninguem deixará de a declarar sem precedentes. Mas como eu não quero antecipar questões reservo para mais tarde este ponto que será tratado nas conclusões porque deve terminar este trabalho.

A *Penitencia* foi a sua ultima obra. Depois d'este poemeto apenas escreveu umas amargas phantasias em prosa, entre as quaes figura uma pungente allegoria, *Historia das regiões polares*, que lembra Leopardi.

Não sentindo em si mais nada de interessante a exprimir, Jeronymo viu fugir-lhe a unica occupação com que conseguia illudir o tempo. Eu chego a pasmar de que elle, litterariamente esgotado, conseguisse resistir durante um anno ao mais tenebroso vasio d'alma, absolutamente deserto das paixões e dos interesses que constituem a vida. Todos os que alguma vez tenham mergulhado n'esse estado d'alma em que se passaria com a mais absoluta indifferença da miseria á opulencia; em que se vê alargar-se em volta de nós, sem margens e sem fundo a estagnação da eternidade; em que se abrange toda a terra n'uma revista nauseante, a cada fracção inapreciavel de segundo; em que a vida se reduz ao sentimento ininterrompidamente nitido do nosso eu, e em que esse sentimento é uma tortura infernal; todos os que tenham, emfim, conhecido certas noites em que se transpõe



a fronteira do calmo e negro reino do Spleen, compreenderão o ultimo anno da vida de Jeronymo Freire.

N'uma carta que elle me escreveu poucos mezes antes da sua morte, dizia-me: «Só posso definir o meu estado com estas palavras de Flaubert: O symbolo da minha vida é um dromedario atravessando um deserto interminavel sob um enorme fardo, — e eu sou ao mesmo tempo o dromedario, o fardo e o deserto».

No meio d'esta invencivel prostracção e espectaculo d'um dia radioso de vivo sol, infiltrando-lhe suggestões de actividade, tinha para os seus pobres nervos lassos a crueldade d'uma espora nos ilhaes d'um velho cavallo entorpecido e exausto. Quando por acaso era obrigado a sair em dias d'esses, nunca deixava de pedir a uns oculos negros que attenuassem com um pouco de crepe a alegria hostil das cousas. Em seguida recolhia-se ao escuro do seu quarto, onde se acalentava, deitado de costas, sentindo-se pesar sobre o leito como uma massa inerte, com um delicioso poema de Stéphane Mallarmé, *L'Azur*, que parece a voz da neurasthenia:

De l'éternel azur la sercine ironie  
 Accable, belle indolemment comme les fleurs,  
 Le poëte impuissant qui maudit son genie  
 A travers un désert sterile de douleurs.

.....

Todas as noites, ao sentir-se envolver silenciosamente pelo torpor do somno, Jeronyme lamentava que elle não fosse eterno e que o deixasse atrelar de novo, passadas algumas horas, á zorra da existencia. Mas certa noite uma porção de laudano, tomada ao adormecer, permittiu-lhe nunca mais accordar. Algumas semanas depois recebia eu em Coimbra juntamente com uma carta, a sua pequena obra, que me dá, assim como a de Anthero de Quental, a de Leopardi e a de Amiel, a impressão d'uma Esphinge solememente recolhida em si, e em cuja contemplação, absorvente e sem fadiga, como a do oceano, a humanidade virá por muitos seculos embrenhar-se, procurando definir a expressão enigmatica dos seus olhos, penetrar o empolgante e inexgotavel mysterio da sua physionomia...



\*

Até aqui quasi não tenho feito mais do que historiar a alma de Jeronymo Freire, como o faria elle proprio; apenas tenho estado a supprir a falta d'uma autobiographia. Resta agora interpretar os factos simplesmente expostos, concluir d'elles o mecanismo d'este extranho character.

Disse eu que Jeronymo ainda adolescente, influenciado pela leitura de poetas d'uma grande complicação emocional, aspirava a tornar-se um laboratorio de emoções raras, á semelhança de certos homens da Roma pagan que procuravam realisar tal ou tal typo de character, personalisado n'um grande vulto historico ou n'um deus. D'esta introspecção vigilante e despoticamente imperativa, não podia deixar de resultar uma predominancia da actividade voluntaria sobre a actividade espontanea com raizes na inconsciencia. O habito radicado de actuar em vista d'um fim bem nitido e segundo um plano preconcebido devia trazer como consequencia fatal o odio aos instinctos, á obsessão das paixões, a tudo o que o fizesse desviar um pouco do caminho traçado, a tudo o que lhe enevoasse a lucida direcção de si mesmo. Quando Schopenhauer lhe mostra o homem como uma peça insignificante desempenhando uma função fatal n'um mecanismo sem outro fim além da propria existencia, a sua apparente revolta contra um phantasma da imaginação metaphysica é no fundo a revolta da actividade ideo-motriz contra as impulsões organicas. Reconhecendo o absurdo humilhante de toda a acção, o seu esforço transforma-se de imperativo que era em inhibitorio; em vez de ambicionar e dictar complicações sentimentaes, applica-se a impedir a explosão dos appetites, a conter as paixões, a esmagar furiosamente a animalidade. E é d'este culto cego do eu, d'esta verdadeira autolatria, d'este egoismo extranho mas supremo, que nasce uma moral grandiosa, um altruismo budhico.

E o facto é todavia logico se attendermos a que a dedicação e o sacrificio, contrariando as disposições naturaes do organismo teem de ser-lhe impostos por um decreto da vontade consciante. Eis aqui a rasão porque eu disse sem precedente a genese d'esta moral.

Um facto que confirma esta explicação do budhismo de Jeronymo Freire, é o character transitorio dos seus elançamentos mysticos. A composição da *Penitencia* em seguida á



*Flôr-de-Lys* prova o seu desprezo por um sentimento que não pode ser intellectualmente consagrado—comquanto contrarie o seu odiado Genio da existencia. E a prova de que esta entidade era um simples nome dado a impulsões organicas é o horror com que Jeronymo encarava nos ultimos tempos a epocha em que se comprazia no culto litterario da nevrose.

Os seus dias de irritabilidade immotivada deixavam-lhe a mesma especie de despeito que um desvio amoroso, o que se explica egualmente pela reacção do cerebro contra a insubordinação dos nervos.

Th Ribot comparou a vontade a um monarcha constitucional, reinando pelo consenso da nação; mas no auctor da *Penitencia* esse monarcha deu um golpe de estado e passou a reger despoticamente uma personalidade somatica inconsistente e instavel. Este caso faz-me pensar que a vida, evolutindo para o mecanismo idêo-motôr, creou uma arma que se pode voltar contra ella, encerra em si mesma a possibilidade da sua destruição.

CARLOS DE MESQUITA.



Dois numeros do livro «Alem»

---

XX

Azul:

E tanta vez, fitando o azul do Ceu — abençoado sorriso de mãe que acalma meus desalentos — quizera cahir de joelhos nas pedras das ruas, agradecendo, não sei a quem, aquella luz que pinta as madrugadas e doira o ar n'um luminoso banho.



Treva:

E tanta vez, entre noites escuras, noites que não teem fim, minha alma, alquebrada pelo preconceito, trazia de rastos o seu temor á face d'aquelle que ella creára para seu refugio.

Tanta vez se acolheu a elle, medrosa, entre noites escuras que não teem fim...

VI

A outras disse: «Mulheres! demais vos conheço; no entanto, quizera que sempre tivésseis sido para mim a esphinge em que soffrêmos, a esphinge em que sonhamos illuminadas ou diabolicas interpretações.



---

Alvoraçais o meu olhar, quando, em ancia febril que illumina a vossa carne, vos procura para ajoelhar e queimar fogos a cada bocadinho do vosso corpo.

Mas não tarda que cada uma de vós — pequeno Idolo que se debruçou a conversar comigo e me disse tudo — fique para traz n'essa longa avenida onde o Ideal de cada um transforma em rosas as pedras dos caminhos.

Outras vezes, julgando que as vossas almas teem aquella brancura que ouço resar ás cousas simples, deixo de rir como os outros e caio na meiga tristeza de vos olhar.

E, então, como é doloroso quebrar o diluido fio que, como a alma, eu tecera para n'elle adormecer o meu bem estar!

ANTHERO DE FIGUEIREDO.



## ELEGIA

---

### ÁS ARMAS E AOS BARÕES ASSINALADOS

---

Ainda nos jardins crescem moitas de flores,  
Ha sol no-azul, ondas no mar, noites de luar :  
A nossa caravella é cheia de esplendores,  
Por alma somos, como vós, Navegadores...  
Mas para onde, para onde navegar ?

Nun'Alvares ao leme, era o bentinho santo :  
E essa frota do Ceu, que demandava a Terra,  
Com a chamma da espada e a magia do canto,  
Batalhou e cantou, indomavel, emquanto  
Houve amor na batalha e houve ideal na guerra !

Oh que allucinações grandes eram as suas !  
Sonhava sua fé, em algum roseo dia,  
Mandar calcetar de oiro o chão negro das ruas,  
Desdobrar novo ceu, accender novas luas,  
Immortal maré-cheia e perpetua alleluia !

Iam-na conduzindo as sereias ideaes,  
Ondas do ignoto Mar, meigas como creanças :  
Mas um corvo surgiu, d'entre a treva e os mortaes,  
A gritar *nunca mais!* a agoirar *nunca mais!*  
Aos seus sonhos de amor, de victoria e de esperanças :



E tudo apodreceu nas sombrias moradas,  
Nas campas os heroes, como plantas sem rega,  
Nas bainhas de prata as epicas espadas,  
E com fome, a pedir, pelas ermas estradas,  
Veste a Gloria de dó, e anda viuva e cega !

A nossa alma voou aos ceus de onde viera,  
E onde as guerras do mundo em poeira se consomem;  
Naufrago que perdeu o rasto da galera,  
Só o corpo aqui jaz, condemnado a ser homem,  
Pois que fôra na justa um anjo e se esquecera...

Pobres dos galeões! Pobres das caravellas!  
De que val batalhar, quando de cada lado,  
Contra o branco luar que inflava as nossas velas,  
Contra os nossos canhões carregados de estrellas,  
Lança o corvo da Vida o seu grito damnado?

Almas celtas, irmãos-professos do Luar,  
Pobres hystericos que somos, pobre Povo!  
Com nossos sonhos feitos de agua, feitos de ar,  
Fortalezas de luz tal simples de arrazar,  
Com nossos esquadrões á procura de Novo!

Oh Camões, oh Camões, como todos soffremos,  
Como perturba as nossas doidas agonias  
Neste velho galeão de espedaçados remos,

O desespero de não termos novos dias,  
A nostalgia de não vermos esboçado  
No luar ambarino e novo do Futuro,

*Algum oceano nunca de antes navegado,  
Illusão virgem, gloria candida, amor puro!*

1891.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

## SOL

(ULTIMOS VERSOS)

N'um d'estes valles italianos  
Já mui velhinho hei de ir morrer,  
A relembrar meus mortos annos,  
Alegrias e desenganos,  
Toda a vã illusão de viver.

Sentir a vida ir-me fugindo  
No valle estreito cheio de luz!  
Que lindo e azul o ceu, que lindo!  
Morrer a olhar o ceu infindo  
É ultimo sonho que me seduz.

Tudo passado, tudo acabado!  
Sesta serena p'ra descansar.  
O olhar está quasi apagado...  
Ai que saudade do meu passado,  
Ai que doçura de tudo acabar!

Solo illumina o languido valle!  
O' mar desmaia na branca praia,  
Não deixes sombra no olival,  
O' sol que doiras meu laranjal  
E a minha cova sob uma olaia.



---

Num d'estes valles italianos  
Já mui velhinho hei de ir morrer  
A relembrar meus mortos annos,  
Alegrias e desenganos,  
Toda a vã illusão de viver.

Malta, janeiro de 94.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.



## CONFITEOR

A ARMANDO NAVARRO

Sed et serpens callidior cunctis terræ quæ  
fecerat Dominus Deus.

MOYSÉS — GENESIS — CAP. 3.º V. 1.

---

Eu soffro... Mas minh'Alma sobe para ti,  
O' branca Mãe de Deus, Quint'Essencia do Bello...  
Eu soffro... No meu sonho uma Serpente vi  
Com garras a rasgar o raro septestrello  
Doirado, branco, azul da minha Castidade.  
Que Pendão inflamado ella foi destendendo  
E os olhos foram vendo,  
Acordado o dragão da Curiosidade,  
Dragão rubro e vulgar com dez olhos na face!  
E embora a Cruz da Prece sobre ellas eu trace,  
Ficam a rutilar, a rutilar,  
Como um cutello ao sol aberto, a rutilar...

Shakespeare! Balzac! explicae a minh'Alma!  
Eu quero ser a Calma  
E sinto os vagalhões do forte mar da Carne,  
Cadellas a uivar com Cio ás horas mortas!  
E embora seja puro e a Castidade encarne  
Sinto cães a uivar com Cio ás horas mortas!  
As Amantes febris rasgadas de paixão,  
Com ancia d'um olhar que accenda mais a febre  
Veem-me entregar seu secco coração  
Julgando que o Poeta em RYTHMO as celebre.  
E pela noite morta  
Veem bater humildemente á minha porta!



A Carne é uma tortura,  
Só o Espirito é livre e só a Alma é pura!  
Eu quero subir para a infinita Luz.  
A escada da Renuncia é longe como o Céu.  
Eu quero ! eu quero subir num vôo' igual ás aguias  
Para a Renuncia austera que conduz  
A Luz do Céu !  
E as minhas orações o vosso olhar alague-as,  
MARIA, Mãe de Deus e minha Mãe tambem,  
Com Vosso Olhar, chuva de luz que do Céu vem.

Eu vi essa Serpente... assim Adão a viu.  
(Que torturas, meu Deus! numa Alma de rapaz!)  
Os olhos tinham sangue. E o meu peito sentiu  
Ir sanguineando n'elle a camelia da Paz.  
Então o panorama extenso do Passado,  
Como um painel manchado  
De silhuetas gentis de typos de mulheres,  
Foi-se desenrolado vagarosamente.  
Não havia a mesma febre em todas as mulheres,  
Nem em todas havia um fogo encandescente  
A expremper a bocca em beijos peccadores.

E então fui-me lembrando dos velhos amores.

MARIA sempre Virgem, Gloria das Glorias,  
Deusa que me ajudou em todas as Victorias  
Contra a Carne que ruge assim como mil feras,  
Que substituiu por brancas as rubras chimeras,  
Ponho a minh'Alma em vossas mãos, julgae-a,  
O corpo é vosso pagem, a Alma a vossa aia.

A minha cama branca de solteiro,  
A minha cama toda branca em linho,  
Abandonei-a p'ra seguir caminho,  
A minha cama branca de solteiro.

.....  
 Em sonhos apertei nõs braços as Duquezas,  
 (Que collos deveis ter, magras aristocratas!)  
 D'olhos azues como as turquezas,  
 As bocas escaflataõs.  
 E embora os braços tão macios enludem,  
 A pelle é branca como uma nuvem.

.....  
 Depois amei Poentes como amára  
 A Carne da mulher macia e rara,  
 A Carne da mulher macia e pura.

— Que paixão, meu Deus, e que loucura!

Ó! os poentes lindissimos d'Invernos,  
 Loiros e grandes como uma ingleza!  
 Poente abrindo pelo Céu os braços ternos,  
 Quem me déra beijar a bocca que não tens!  
 Quando a Lua illumina uma deveza  
 Tu morres na gloria do Prazer!  
 Quem me déra beijar a bocca que não tens!

Eu quiz, como Alberto d'Oliveira,  
 Extasiado ver  
 O grande Sol, o rubro Sol partir...  
 Não para ver surgir  
 A Lua, a branca Freira,  
 Mas para gosar, gosar...

Muitas vezes sulucei no ar  
 A louca Canção dos meus desejos  
 A Canção feita com soluços e com beijos:

«O' meus Poentes! como vós sois bellos!  
 «E' longo a vossa cauda e longos os cabellos  
 «Côr d'oiro e de rubim.  
 «Debaixo d'esse baldaquim  
 «Onde surgís em brandas tintas leves,  
 «Sois Glorias, Apotheoses breves,  
 «Final do Dia em typo de mulher.  
 «Morre o Dia de dôr, em vivo no Prazer,



«Poentes, dae-me do somnifero papaver  
«O succo escuro, dae-me o amavel Opio,  
«P'ra que palpite emfim o putrido cadaver  
«Que é meu corpo, em visões funambulescas d'Opio!

«Dae-me tudo o que é bom; dae-me a Vida: o Sonhar.  
«Que a era do Pezar para o passado emigre;  
«Como aves com frio pelo espaço a voar,  
«Que fuja do Prazer do meu peito de tigre!

«Que lavre dentro em mim devastador incendio  
«E o coração em luto, em uma Aurora alinde-a,  
«Um bom Poente mais fantastico que a India!  
«E o Pezar, como um Reo de traição, Poente, pende-o  
«A balouçar na forca, assim antigo Rei!  
—«Poentes! Quero possuir-vos e morder-vos!»

Flôres bizarras dos meus nervos,  
Já vos adorei!

Já gottejava sangue a minha pobre Alma,  
E lançaram rubins as rutilas fornalhas;  
As Illusões estavam mortas nas batalhas.  
(Que fazer sem Infantas a minh'Alma?)

Porém a Lua ergueu-se eternamente calma;  
Como um batel levava a VIRGEM sempre pura;  
E o meu coração banhado na Ternura  
Do suave e terno Olhar da Mãe do Rei dos Reis,  
Foi numa mystica Assumpção  
A' Torre branca da perenne Contricção.

As minhas Orações sempre Vós as tereis,  
Tão puras como o linho e puras como o nardo  
Nossa Senhora dos Poetas e dos Reis,  
Pois varrestes do Céu o nevoeiro pardo.

O Prazer da Carne deixa um travo  
como o do fel. Eu guardei-me dos  
festins mesquinhos de Balthasar, por  
que Vós mandastes, Mensageiro calmo,  
um raio de Lua a trazer-me a Ordem :  
Guarda-te, guarda-te, para as Nupcias  
celestes !

E vesti-me de linho. O meu corpo  
não teve mais perfume : o meu cora-  
ção é um cofre fechado onde estão  
guardados os aromas preciosos.

Os meus Galeões como vão lindos,  
Como vão lindos ao luar,—  
Os tempos dos Pezares findos,  
O Vento as vellas a inflar.

Meu coração, meu coração,  
Ai tão alegre, alegre andas,  
Meu coração, meu coração...  
O Vento torna as vellas pandas.

Os meus galeões para onde vão?...  
A Lua é branca e calma e grande...  
Meu coração, meu coração,  
Atraz ficou a extensa lande.

O' meus galeões da côr do linho  
Ide de rumo para o Céu...  
Ai não erreis esse caminho,  
Olhae aonde nasce a Aurora,  
Ide de rumo para o Céu...  
E' piloto a Nossa Senhora ;  
Ai não erreis esse caminho !

Lisboa, — Coimbra,  
xii-93. — 1-94.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.



## SONETO

---

O' meu coração, torna para traz.  
Onde vaes a correr desatinado?  
Meus olhos cubiçosos que o peccado  
Queimou, o sol. Volvei, horas de paz.

Vergam da neve os olmos dos caminhos :  
A cinza arrefeceu sobre o brazido.  
Noites da serra, o cazebre tranzido.  
O' meus olhos, scismae como os velhinhos.

Extinctas primaveras evocae-as.  
Já vae florir o pomar das maceiras.  
Emos de enfeitar os chapéus de maias.

Socegae, esfriae, olhos febrís.  
E hemos de ir a cantar nas derradeiras  
Ladainhas. Doces vozes senis.

CAMILLO PESSANHA.

## BIBLIOGRAPHIA

---

Recebemos o n.º 2 da *Revista Nova*, (Antonio Maria Pereira, editor—Lisboa), dirigida pelos srs. Trindade Coelho e Alfredo da Cunha.

Traz um longo artigo analysando a edição das *Flores do Campo*, do sr. João de Deus, sob o ponto de vista da coodenação, e, acintosamente nos pareceu, fere o illustre Poeta, sr. Theophilo Braga, o extraordinario auctor da *Bacchante*, chamando-lhe nullo, etc.

Admiramos, na verdade, que esse artigo seja firmado tambem pelo sr. Trindade Coelho, escriptor que temos visto sempre ao lado dos que têm talento, que foi um dos primeiros defensores dos Poetas Novos, quando a furia ridicula e a graça pesada do Publico estavam voltadas contra elles.

Concordamos que ha alguns defeitos na coodenação das *Flores do Campo*, que o livro deveria ter pouco mais de metade das poesias, porém isso não dependeu só do sr. Theophilo Braga, nem é razão para tal diatribe, que chega a ferir o character.

Traz uma phantastica e hallucinante poesia do sr. Alberto Osorio de Castro, impressionista, só comprehensivel, por certos temperamentos especiaes.



Saiu o 3.º numero da *Reacção* (Gustavo Santiago, director, Coimbra). Traz um conto, *Guanabara*, verdadeiramente notavel.

Recebemos tambem o numero 4 da *Reacção*. Razoavel o soneto do sr. Olavio Bilac.



OS NOVOS

CONSTITUIÇÃO DE 1891

ARTIGO 111

Art. 111. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados.

Parágrafo único. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 112. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 113. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 114. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 115. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 116. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 117. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 118. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 119. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.

Art. 120. - O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal Federal, pelos Tribunais Superiores e pelos Juizes da União e dos Estados, e pelos Juizes Municipais e Juizes de Paz.



# OS NOVOS

Condições de assignatura

PAGA ADIANTADA

Um mez, 450 — Tres mezes, 450 — Numero avulso, 100 réis

Redacção e administração dos *Novos* — Avenida Alexandre Herculano, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

*Annunciam-se obras recebendo-se um exemplar.*

---

---

## Annuncios Litterarios

Henrique de Vasconcellos

FLORES CINZENTAS

Editor França Amado — Coimbra

PREÇO 500 RÉIS

---

BREVEMENTE:

Eugénio de Castro

SYLVA





